

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

AGNES MARIA FERNANDES MORAES

**REAPROPRIAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO:
a disputa dos usos do viaduto Otávio Rocha**

Porto Alegre

2018

AGNES MARIA FERNANDES MORAES

**REAPROPRIAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO:
a disputa dos usos do viaduto Otávio Rocha**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Karla Maria Müller

Vice-Diretora Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia Jeniffer Alves Cuty

Chefia Substituta Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora Ana Celina Figueira da Silva

Coordenadora Substituta Márcia Regina Bertotto

CIP - Catalogação na Publicação

Moraes, Agnes Maria Fernandes
REAPROPRIAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO: a disputa dos usos
do viaduto Otávio Rocha / Agnes Maria Fernandes
Moraes. -- 2018.
79 f.
Orientador: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Patrimônio. 2. Patrimônio Edificado. 3. Viaduto
Otávio Rocha. I. Faria, Ana Carolina Gelmini de,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705
Bairro Santana
Porto Alegre - RS
Telefone (51) 33085067
E-mail: fabico@ufrgs.br

AGNES MARIA FERNANDES MORAES

**REAPROPRIAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO:
a disputa dos usos do viaduto Otávio Rocha**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Aprovado em de de 2018.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Gelmini de Faria (Orientadora) - UFRGS

Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz - UFRGS

Museóloga Me. Ana Ramos Rodrigues

AGRADECIMENTOS

À minha família, amigos e todas que estiveram comigo e compreenderam meus momentos de ausência e pequenos surtos ao longo desses quatro anos.

À professora Carol Gelmini que é uma profissional exemplar e que aceitou embarcar na minha loucura - sempre com muita paciência e compreensão.

À todas as professoras, mas principalmente a Lizete e a Marlise que com suas aulas maravilhosas me permitiram uma nova perspectiva de mundo.

E por fim, a mim, por dar sempre o melhor que pude mesmo em momentos complexos.

RESUMO

O viaduto Otávio Rocha, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, é tombado como patrimônio em nível municipal. Ele possui uma dinâmica própria: além de melhorar o fluxo rodoviário da cidade, abriga bares, lojas comerciais e ainda serve de abrigo para pessoas em situação de rua. Assim, este trabalho, inicialmente, pretendia entender como as pessoas em situação de rua se relacionavam com o viaduto Otávio Rocha enquanto patrimônio da cidade. No entanto, em agosto de 2018, após uma ação entre a Brigada Militar e o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), as pessoas em situação de rua foram removidas do Viaduto. Essa ação, sobretudo, levantou um importante debate sobre a reapropriação desse espaço. Portanto, este trabalho passou a analisar a atual disputa de discursos sobre a reapropriação desse patrimônio por parte de três agentes: comerciantes do Viaduto, Estado e pessoas em situação de rua. A pesquisa se configura como exploratória e descritiva, um estudo de caso de abordagem qualitativa, onde as metodologias adotadas foram a *ex-post facto*, que trabalha o evento após o ocorrido, e a análise de conteúdo, a partir da investigação de reportagens em jornais locais. Desse modo, na primeira parte, apresenta a história do Viaduto, o investiga enquanto patrimônio cultural e identifica suas impressões causadas na contemporaneidade. Na segunda parte, analisa os argumentos que embasam as opiniões sobre as ações ocorridas em agosto de 2018, com ênfase nos debates sobre políticas públicas que se reforçaram a partir das estratégias de novos usos do patrimônio tombado. Pesquisadores como Françoise Choay (2008; 2011), José Reginaldo Santos Gonçalves (2002; 2007), Lúcia Lippi Oliveira (2008), Pierre Bourdieu (1997), Sandra Jatahy Pesavento (1991; 2003), entre outros que serão apresentados ao longo deste trabalho e que foram fundamentais, contribuíram para a fundamentação teórica da investigação. Conclui-se que as relações estabelecidas no Viaduto são múltiplas, mas que não necessariamente estejam vinculadas ao discurso de patrimônio. E, no que tange aos debates sobre políticas públicas, constatou-se que existem estratégias formuladas para a desocupação das pessoas em situação de rua, e que faz parte dela a ocupação do Viaduto com eventos e food trucks. Porém, essas interventivas não beneficiam todos os agentes vinculados indireta ou diretamente ao referido patrimônio.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio. Patrimônio Edificado. Viaduto Otávio Rocha.

ABSTRACT

The viaduct Otávio Rocha, in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, it's It is listed as patrimony at the municipal level. It has its own dynamics: in addition to improving the city's road flow, it houses bars, commercial shops and even shelters street people. Therefore, this study, at first, intended to understand how the street people related with the viaduct Otávio Rocha as a patrimony of the city. However, in August 2018, after an action between the Military Brigade and the Municipal Department of Urban Cleaning (DMLU), street people were removed from the Viaduct. This action, above all, raised an important debate on the reappropriation of this space. Therefore, this work began to analyze the current dispute of speeches about the reappropriation of this patrimony by three agents: merchants of the Viaduct, State and street people. The research is an exploratory and descriptive one, a case study with a qualitative approach, where the methodologies adopted were ex-post facto, which works the event after the event, and content analysis, from the investigation of local newspaper reports. Thus, in the first part, it presents the history of the Viaduct, the investigation on the cultural heritage and the identification of its impressions caused in the contemporaneity. Secondly, the analysis of the arguments for the review of the decisions in August 2018, with emphasis on the debates on the action plans that reinforce the strategies of new uses of the listed patrimony. Researchers such as Françoise Choay (2008; 2011), José Reginaldo Santos Gonçalves (2002; 2007), Lúcia Lippi Oliveira (2008), Pierre Bourdieu (1997), Sandra Jatahy Pesavento (1991; 2003), among others which will be presented throughout this work and which were fundamental, contributed to the theoretical basis of the research. It is concluded that the relations established in the Viaduct are multiple, but that they are not necessarily linked to the discourse of patrimony. And, with regard to the debates on public policies, it was verified that there are strategies formulated for the evacuation of the people in situation of street, and that is part of it the occupation of the Viaduct with events and food trucks. However, these interventions do not benefit all related agents indirectly or directly related to the patrimony.

KEY-WORDS

Patrimony. Built Heritage. Viaduct Otávio Roch

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Planta do Plano Geral de Melhoramentos	17
Figura 2 - Abertura da avenida Borges de Medeiros em 1928	19
Figura 3 - Avenida Borges de Medeiros, década de 1920-1930	20
Figura 4 - Viaduto Otávio Rocha na atualidade	23
Figura 5 - Desfile 7 de setembro, 1941	25
Figura 6 - Matéria publicada pelo jornal Gaúcha ZH (2/8/2018)	33
Figura 7 - Matéria publicada pelo jornal Correio do Povo (2/8/2018)	33
Figura 8 - Matéria publicada pelo jornal G1 (2/8/2018)	33
Figura 9 - Matéria publicada pelo jornal Sul21 (2/8/2018)	34
Figura 10 - Postagem do dia 15 de agosto de 2018 e seus comentários	47
Figura 11 - Postagem do dia 19 de agosto e seus comentários	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O VIADUTO.....	14
2.1 Transformações urbanas e o surgimento de uma nova via de comunicação da cidade.....	14
2.2 “O símbolo da modernidade”: o viaduto enquanto patrimônio de Porto Alegre.....	24
3 A DISPUTA PELO VIADUTO OTÁVIO ROCHA: os vários lados de uma história.....	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE A. Quadro com comentários do TripAdvisor de 2017 a 2018.....	62
APÊNDICE B. Trechos que fazem referência ao viaduto Otávio Rocha de 2017 a 2018.....	65
APÊNDICE C. Conteúdo dos Jornais com a perspectiva dos comerciantes da Associação Representativa e Cultural dos Comerciantes do Viaduto Otávio Rocha.....	67
APÊNDICE D. Conteúdo dos Jornais com a perspectiva do Estado.....	69
APÊNDICE E. Conteúdos dos Jornais com a perspectiva de pessoas em situação de rua.....	77

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade em que cada dia fica mais difícil olhar para o outro. Estamos cada vez mais focados em nós mesmos e em nossos próprios mundos. Por conta disso, olhar para o outro se torna um desafio diário, principalmente porque nossa primeira reação é julgar. “De onde essa pessoa vem?”, “O que ela faz?”, “Por que se encontra nessa situação?”, entre tantos outros questionamentos que fazemos ao nos depararmos com o novo, com o diferente.

Felizmente, estamos em constante transformação. E para que possamos começar a ver o outro com menos julgamentos e mais compreensão, é fundamental o exercício de olhar para si mesmo. Ao longo desses quatro anos, a academia proporcionou meu contato com pessoas completamente distintas. Isso me fez compreender que cada uma tem seu mundo, suas crenças, suas razões. E a Museologia tem seu mérito nesse processo, que me permitiu perceber que os museus, em toda sua diversidade, não devem trabalhar para as pessoas, mas junto a elas.

No entanto, esse caminho nem sempre é tão simples. A frequência que nos deparamos com bens - materiais ou imateriais - que representam um grupo específico e, ao mesmo tempo, que se tornam excludentes para uma maioria, é alta. Isso ocorre, principalmente, porque há a imposição de legitimação em meio a esse processo de reconhecimento. Assim, a definição do que se torna ou não patrimônio envolve, sobretudo, questões políticas. Portanto, quem, pra quem e o que esse patrimônio representa?

Em meio a toda singularidade e subjetividade de cada indivíduo, acredito que representá-las em uma totalidade é utópico. Mas alguns grupos sociais quase nunca são representados. E o capital - que é quem gira o mundo - acaba se tornando um fator determinante de quem é representado. Então, na tentativa de sair da minha zona de conforto, escolhi trabalhar com um sujeito que me chama atenção e que é estigmatizado pelo sistema: a pessoa em situação de rua.

Ao caminhar pelas ruas de Porto Alegre, fica evidente que nos últimos anos a cidade teve um crescimento visível no número de pessoas vivendo em situação de rua. A falta de políticas públicas e a tentativa de um processo de higienização social agravam essa situação, e acaba levando esses sujeitos a marginalização, exclusão social e estigmatização - como vemos diariamente nas mídias.

Assim, praças, viadutos, avenidas, entre outros espaços públicos da cidade passam a servi-lhes de morada. E um desses espaços que os abrigam é o viaduto Otávio Rocha, no centro da cidade de Porto Alegre. Também conhecido como “viaduto da Borges”, sua arquitetura e relevância sociocultural o levaram a ser registrado no Livro Tombo do Município em 1988. O local tem uma dinâmica própria, além de exercer sua função primária - melhorando o fluxo rodoviário -, também serve como abrigo para pessoas em situação de rua, é um ponto de referência da cidade e acomoda bares e estabelecimentos comerciais.

O intuito deste trabalho, inicialmente, era entender como pessoas em situação de rua se relacionavam com o viaduto Otávio Rocha enquanto patrimônio da cidade de Porto Alegre. Mas, ao longo de seu desenvolvimento, houve um acontecimento que ocasionou a necessidade de adaptação. Em agosto desse ano, devido a um processo de disputa política e ideológica, as pessoas em situação de rua que habitavam o Viaduto foram removidas por uma ação conjunta entre a Brigada Militar e o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU).

Assim, esses indivíduos foram retirados do espaço sem qualquer planejamento prévio de realocação por parte do Estado. Como consequência, acabaram se acomodando em outras vias públicas do centro da cidade, como a Praça da Alfândega e a Praça da Matriz. Poucos dias após essa ação, o espaço recebeu food trucks, em parceria com a Prefeitura do Município, que devem permanecer no local, em caráter experimental, nos finais de semana.

Nesse momento, percebeu-se que caso o projeto se mantivesse nos moldes anteriores seu desenvolvimento seria afetado pelo evento de agosto. E, sobretudo, a ação levantou um importante debate sobre a reapropriação desse espaço que assume muitas atribuições, entre elas, patrimônio da cidade. Identificou-se, dessa forma, a necessidade de discutir acerca dessa disputa atual que gera discursos distintos por parte de diferentes agentes: pessoas em situação de rua, comerciantes do Viaduto e do Estado. Portanto, se constituiu as seguintes problemáticas: Quais relações são estabelecidas com o Viaduto na contemporaneidade? Quais argumentos embasam as opiniões sobre as ações de reapropriação desse patrimônio? Quais debates sobre políticas públicas surgem a partir das estratégias dessa reapropriação?

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é promover uma análise sobre o debate de reapropriação do viaduto Otávio Rocha enquanto patrimônio da cidade de

Porto Alegre. E para compreender melhor esse debate, propõe-se como objetivos específicos: investigar a história do viaduto Otávio Rocha; identificar impressões contemporâneas sobre o Viaduto; mapear os argumentos prós e contras da ação de reapropriação desse patrimônio realizada em 2018; e, por fim, analisar o debate vinculado às estratégias de políticas públicas que fundamentaram a reapropriação realizada.

Há necessidade de se debater na academia a apropriação da sociedade acerca do próprio patrimônio cultural. Portanto, entender as relações que são estabelecidas no Viaduto torna-se necessário para compreendermos quais são as representações para os sujeitos que se relacionam com ele. Nessa perspectiva, a relevância social se justifica por trabalhar com perspectivas de agentes distintos, assim possibilitando o debate e a reflexão acerca da apropriação de um patrimônio. Além disso, o viaduto Otávio Rocha se caracteriza como um patrimônio edificado em uso constante. Dessa forma, este trabalho reflete acerca dos outros possíveis usos e dinâmicas que um bem patrimonial pode obter na atualidade.

Esta pesquisa é um estudo de caso, qualitativa, desenvolvida na metodologia *ex-post facto*, que trabalha o evento após o ocorrido. Além de pesquisa bibliográfica, foram feitas análises de conteúdo de reportagens em jornais que contém os discursos de três agentes mapeados - pessoas em situação de rua, comerciantes do Viaduto e do Estado - bem como a opinião pública sobre o evento ocorrido.

O primeiro capítulo, **INTRODUÇÃO**, apresenta as intenções deste trabalho, apresentando o objeto de estudo, o problema de pesquisa, os seus objetivos, justificativa e a metodologia utilizada. O segundo capítulo, **O VIADUTO**, apresenta na primeira parte o viaduto Otávio Rocha sob uma perspectiva histórica, abordando o contexto histórico, político e social de sua construção; na segunda, aborda o Viaduto em seu aspecto patrimonial, trabalhando conceitos que o qualifiquem e analisando, a partir do site TripAdvisor (<tripadvisor.com.br>) e jornais locais, as percepções que o Viaduto causa na contemporaneidade. Já o terceiro capítulo, **A DISPUTA PELO VIADUTO OTÁVIO ROCHA: os vários lados de uma história**, apresenta a análise sobre os discursos dos agentes (pessoas em situação de rua, comerciantes e Estado) e publicações no grupo do Facebook (<Facebook.com.br>) “Vizinhos do Centro Histórico - POA” sobre o Viaduto após a ação conjunta entre a polícia e o DMLU, bem como o debate vinculado às estratégias de políticas públicas que fundamentaram esta ação.

Alguns dos conceitos norteadores desta pesquisa foram: patrimônio (CHOAY, 2008, 2011; OLIVEIRA, 2008), representação (PESAVENTO, 2003), pessoas em situação de rua e rualização (ABREU; SALVADORI, 2015), entre outros que serão apresentados ao longo deste trabalho e que foram fundamentais para articulações teóricas e empíricas dessa pesquisa.

A Museologia é um campo de inúmeras possibilidades. E esse trabalho tem o intuito de poder contribuir para o debate de apropriação do patrimônio pela sociedade em sua pluralidade. Assim, compreendendo como essas relações são construídas - e se de fato são construídas -, desafia-se entender, a partir do estudo de caso do Viaduto Otávio Rocha, se há a identificação dos indivíduos com o patrimônio na contemporaneidade.

2 O VIADUTO

Localizado no centro histórico de Porto Alegre, o viaduto Otávio Rocha é um marco arquitetônico na paisagem da cidade. Também conhecido pelos porto-alegrenses como “viaduto da Borges”, sua arquitetura e relevância sociocultural o levaram a ser registrado enquanto patrimônio da cidade em 1988. O Viaduto foi construído para permitir e facilitar a ligação do centro da cidade com a zona sul e é um ponto de referência da cidade que acomoda bares, estabelecimentos comerciais e sanitários.

Assim, em uma perspectiva histórica, esse capítulo será organizado em duas partes: a primeira, abordará alguns processos de urbanização na cidade de Porto Alegre e a história do viaduto Otávio Rocha, levando em conta o contexto histórico, político e social da época de sua construção; a segunda, trabalhará o Viaduto enquanto patrimônio da cidade e analisará, a partir do site TripAdvisor (<tripadvisor.com.br>) e de jornais locais, algumas impressões causadas pelo o mesmo na atualidade.

2.1 Transformações urbanas e o surgimento de uma nova via de comunicação da cidade

Ao longo do tempo as cidades passam por diversas transformações. Assim, para que possamos entender o motivo destas mudanças, é preciso compreender o cenário ao qual elas estão inseridas. Para contar a história do viaduto Otávio Rocha elementos como o contexto social, político e econômico da época são fundamentais. Sobretudo, o plano que tornaria possível, anos mais tarde, a construção do Viaduto: o Plano Geral de Melhoramentos, de Moreira Maciel, criado em 1914, que viria a ser, também, o primeiro plano urbanístico de Porto Alegre.

Desde os primórdios das civilizações os povoamentos humanos acontecem perto de locais com água. E em Porto Alegre, não foi diferente. A cidade teve seu desenvolvimento à beira do lago Guaíba, que permitia a população o consumo e o transporte. Assim, no século XIX o crescimento do comércio e do porto na cidade fez surgir a necessidade de organização do território. Nesse sentido, a primeira grande mudança na estrutura da cidade de Porto Alegre ocorreu nesse período e estava associada ao próprio lago, como afirma Souza (2010, p.33): “[...] em meados do

século XIX, o desenvolvimento do comércio e do porto exigiu a ampliação da margem norte da cidade o que aconteceu mediante aterros e construção de inúmeros trapiches”.

Em resumo, o período entre o final do século XIX até a primeira metade do século XX foi de intensas transformações urbanas em Porto Alegre. Estas modificações foram impulsionadas por acontecimentos em todos os níveis - políticos, econômicos e sociais. Para Monteiro (1995), as modificações na estrutura social foram geradas pela abolição da escravidão, a instalação da República, o crescimento das camadas médias urbanas e, também, a imigração maciça de trabalhadores livres que deveriam atender uma demanda na agricultura e na indústria que estava emergindo. Dessa forma, esses eventos repercutiam em outras esferas da sociedade e interviam diretamente no modo de como as cidades iam se sistematizando.

De acordo com Pesavento (1991), as modificações urbanas também eram associadas à estrutura econômico-produtiva do país e às transformações político-institucionais, e refletiam o modo de como os agentes urbanos e os “notáveis” da comunidade projetavam esses novos momentos para a cidade. Portanto, as mudanças não só faziam parte de um projeto político, mas estavam, ao mesmo tempo, relacionadas às necessidades de uma burguesia local.

Com a consolidação da República no país, as cidades, principalmente as capitais, passaram por um processo de reorganização espacial e social baseados nos novos paradigmas de embelezamento e higienização que seguiam os parâmetros europeus (MONTEIRO, 2012). A “beleza e higiene”, desse modo, se tornavam o novo padrão de uma sociedade que deveria seguir em direção ao “progresso”, que era difundido pelo ideário político da época. Assim, a arquitetura dos prédios em Porto Alegre era inspirada por esse modelo monumentalista europeu, e muitas destas edificações foram projetados por engenheiros vindos de países da Europa. Exemplos em Porto Alegre são os prédios do Correios e Telégrafos (1910-1912) e da Delegacia Fiscal (1913-1914), projetados pelo alemão Theo Wiederspahn.

Segundo Souza (2006), Porto Alegre contava em sua administração com engenheiros vindos de fora, que continuaram a seguir as ideias da escola francesa,

aqui adaptados ao positivismo científico de Auguste Comte¹, mesmo depois da criação da Escola de Engenharia - a capital recebeu o primeiro curso de nível superior no Estado, em 1897. Portanto, o positivismo, além de estar inserido no pensamento político, era introduzido desde a formação dos engenheiros, refletindo diretamente no modo de como eles pensavam e projetavam as cidades.

A consolidação do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) no Estado também foi um ponto de influência na dinâmica de construção da cidade. Os símbolos do positivismo eram inseridos na arquitetura dos prédios públicos, conforme aponta Souza (2010, p.35) “[...] os equipamentos urbanos traziam impressos os ícones do positivismo, o que evidenciava a forte marca do poder que os implantava, o governo castilhista²”. Esses símbolos podem ser vistos ainda hoje em prédios como a Intendência (atual Paço Municipal, construído entre 1898-1901), o Palácio Piratini (construído entre 1910-1921) e a Biblioteca Pública Estadual (construído entre 1912-1922). Ressalta-se que a permanência do PRR no Rio Grande do Sul durou um longo período:

A política do PRR repercutiu no espaço urbano da Capital, seja pelo continuísmo administrativo de 1892-1937, seja pelo cientificismo, seja pelos princípios, onde a ordem e o progresso eram as aspirações fundamentais do governo. A estrutura física, a partir desse momento, passava a ser tratada lado a lado com a reestruturação da sociedade numa atitude quase utópica. Através da reformulação da estrutura urbana aparece a tentativa de mostrar que a ordenação dos espaços físicos representa o progresso de uma sociedade. (SOUZA, 2006, p.6)

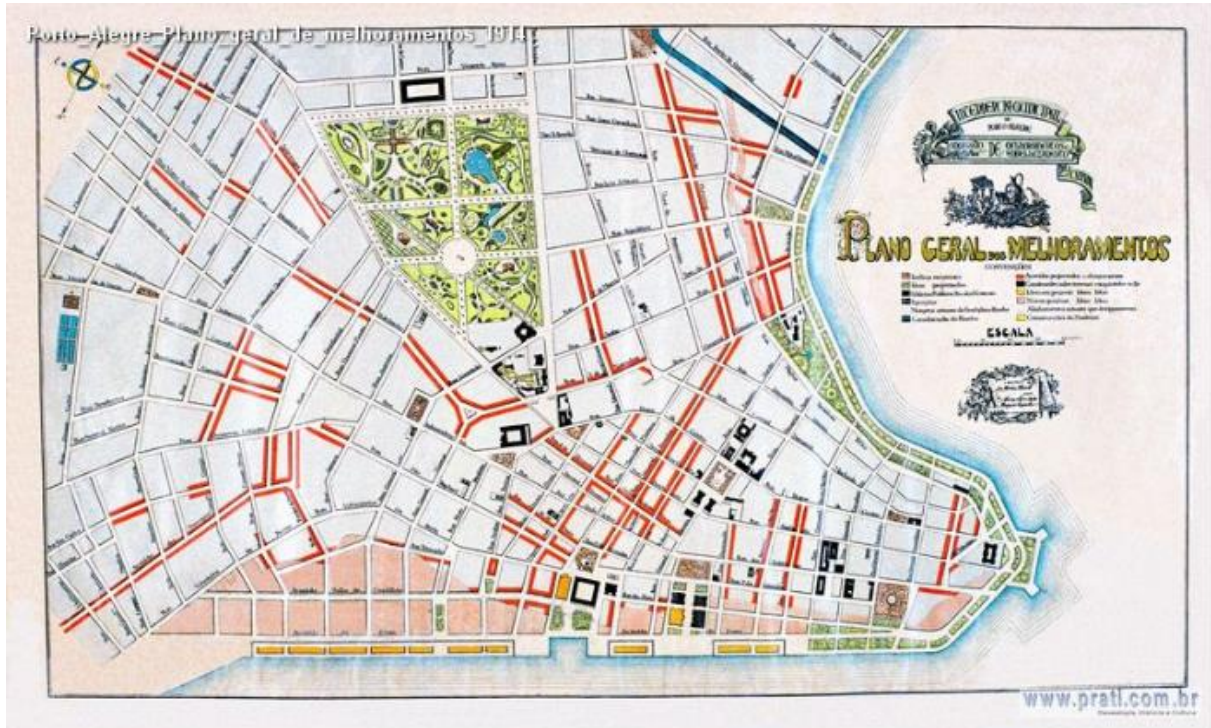
Portanto, a fixação do partido no Estado por 45 anos fez com que se criasse uma tentativa utópica de reorganização da sociedade, calcada em uma ideia de progresso vinda do ideário positivista. Por esses motivos, em 1912, foi criada a Comissão de Melhoramentos e Embelezamento da Capital, durante a gestão de José Montaury³. Essa Comissão deveria realizar melhoramentos relacionados à higiene e a modernização dos espaços públicos - principalmente saneamento - e adequação do sistema viário. Assim, a partir da Comissão foi solicitado, em 1914, o primeiro plano de urbanismo da cidade: o Plano Geral de Melhoramentos (Figura 1), ficando sob organização do engenheiro-arquiteto José Moreira Maciel.

¹ “[...] o positivismo, mais do que uma corrente historiográfica, foi também um movimento epistemológico e político proposto por Auguste Comte”. (JOVACHELEVITCH, 2008 apud LOPES, 2013, p.9).

² Referência ao governo de Júlio de Castilhos (1860-1903), que foi líder do positivismo no Estado.

³ Gestão entre os anos de 1897 a 1924.

Figura 1 - Planta do Plano Geral de Melhoramentos



Fonte: FLICKR, 2013, doc. eletr.

De acordo com Souza (2010), o Plano foi um pedido realizado pelo governo à intendência, em função das obras de melhoramentos do porto. Ainda segundo a autora, a proposta do plano era:

Esse plano sintetizaria todos os projetos existentes e proporia novos, articulando a remodelação em torno da área de ampliação do porto, cujas obras estavam em execução, regularizando as vias públicas, através de prolongamentos e alargamentos das vias previstas, e ligando o centro histórico a periferia, até os limites do primeiro distrito. (SOUZA, 2010, p.53)

O objetivo, então, era criar soluções a partir de projetos que já existiam e propor novos que possibilitariam a ligação do centro histórico da cidade com outras áreas que já estavam em desenvolvimento. Era uma forma de “[...] atingir mais rapidamente partes da cidade como a Cidade Baixa, Azenha e Zona Sul” (MORAES, 2003, p.105). No entanto, ao mesmo tempo, como aponta Souza (2010), era uma tentativa de afastar do centro da cidade a pobreza insalubre, o mundo da malandragem, do crime, impondo a beleza e higiene, para que a sociedade convivesse mais harmoniosamente. Esse discurso era expresso pelas elites locais - que estava muitas vezes à frente do próprio governo - enfatizando que a cidade

precisava caminhar para a modernidade, e essa “modernidade” estava associada a uma visão eurocêntrica. Para Pesavento (1991, p.71):

Em termos de reordenamento do espaço urbano, a grande questão era como equiparar Porto Alegre aos maiores centros, o que implicava em verdadeiras ‘cirurgias’ que redesenhavam a cidade em termos de uma modernidade. A idéia de modernidade implicava uma reformulação dos territórios em termos da abertura da cidade à fraca circulação e articulação de suas partes; na verticalização da área central e na busca de uma uniformidade na paisagem, com a paulatina eliminação de espaços do ponto de vista da sua estrutura física e das socialidades aí desempenhadas.

Dessa maneira, esse movimento de modernização pretendia formatar a paisagem da cidade, verticalizando e reestruturando-a na tentativa, sobretudo, de “embelezar”, como previa o Plano de Moreira Maciel. Assim, a ideia de uma grande via de comunicação que ligasse o centro a outros bairros que estavam nascendo teve início com o Plano Geral de Melhoramentos, em 1914. O espaço no qual foi aberta a via que, posteriormente, veio a se chamar avenida Borges de Medeiros, teve dois outros nomes e o início das intervenções no local remontam o começo da década de 1920:

A sua história é praticamente recente, tendo sido iniciada a abertura na década de vinte, sob a administração do Intendente Otávio Rocha. Mas ela tem seu óbvio antecedente na *Rua General Paranhos*, estreito beco que subia desde a Rua Gen. Andrade Neves até a Rua Duque de Caxias e dali descia em outra ladeira fortíssima ladeira até a Rua Coronel Genuíno. O nome de General Paranhos datava de uma resolução da Câmara Municipal em 30/10/1871, mas a população porto-alegrense, com seu aferrado tradicionalismo, ainda aludia àquela via pública como o “Beco do Poço” que fora uma de suas denominações espontâneas. (FRANCO, 1992, p.80-81)

Portanto, apenas anos mais tarde, já sob a administração de Otávio Rocha⁴, ocorreu a abertura da avenida (Figura 2). Antes de ser avenida o local era um beco e considerado prejudicado por sua topografia. Franco (1992) afirma que por esse motivo este espaço nunca adquiriu respeitabilidade e havia ainda se transformado, nos últimos tempos, em um local de crimes e prostituição.

⁴ Gestão entre os anos de 1924 a 1928.

Figura 2 - Abertura da avenida Borges de Medeiros em 1928



Fonte: LINDENMAYER, 2007, p.203

A abertura da Borges de Medeiros (Figura 3) era, simultaneamente, uma maneira de reurbanizar as áreas do centro, onde se “[...] concentrava cortiços, casas de madeira, estalagens e tabernas” (MONTEIRO, 1995, p.76). Assim, para que fosse possível abri-la foi preciso fazer desapropriações no entorno e recortar o morro que atravessava a área central, o que causava a descontinuidade na Rua Duque de Caxias.

Figura 3 - Avenida Borges de Medeiros, década de 1920-1930



Fonte: Fototeca Sioma Breitman - Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, 2018.

Sendo assim, em 1925, Otávio Rocha criou a Comissão de Obras, contratando os engenheiros Adolph Stern, Duílio Bernandi e Acyline de Carvalho, que tinham por atribuição definir os projetos a serem executados (SOUZA, 2010). Nesse momento, o intendente achou necessária a criação de um projeto para a abertura de uma grande via, com objetivo de melhorar o tráfego na cidade. Ao longo do projeto houve algumas modificações, como aponta Souza (2010, p.210):

O projeto foi sendo aperfeiçoado. Para alcançar maior efeito estético, definiram-se marcos básicos da avenida, seus princípios de demarcação: traçado em linha reta; perfil de longa concavidade nas duas vertentes, apresentando como motivo estético predominante o viaduto Otávio Rocha; e largura de 30 metros, permitindo amplos passeios e arborização, duas linhas de bondes e duas faixas para automóveis. Assim, foi delimitado o novo traçado da avenida com as seguintes características: 24 metros de largura e introdução de uma curva entre as ruas dos Andradas e Riachuelo, desviando o eixo local em 40 metros. Esse desvio teve como objetivo permitir que o perfil da avenida se definisse por longas concavidades nos seus extremos, abrindo grandes perspectivas, e não mais com o foco sobre o prédio do Mercado Público.

Percebe-se, desse modo, que já na abertura da avenida era pensada a instalação, ali, de um viaduto de grandes proporções e que possibilitasse amplos passeios, arborização e bondes. Além disso, viu-se a possibilidade de abrir outras vias para além de apenas dar acesso direto ao Mercado Público.

A construção do viaduto, então, só foi viabilizada pela abertura da avenida Borges de Medeiros. Para elaboração do viaduto foi aberto um concurso. Entre os participantes estavam Duílio Bernardi, Christien Gelbert e Manoel Itaquy. O vencedor foi Manoel Itaquy que, em 31 de dezembro de 1928, firmou contrato com a intendência municipal. De acordo a cláusula primeira do contrato:

O engenheiro Civil Manoel Itaquy, tendo projectado o Viaducto e imaginado e projectado o systema de acesso da Avenida Borges de Medeiros para a rua Duque de Caxias, cede ao Municipio de Porto Alegre a sua idéa e o projecto respectivo, compromettendo-se, alem disso, a acompanhar todas as obras e diligencias, que houverem de ser feitas, para a completa ultimação e excução desse projecto, de acordo com as clausulas do presente contracto. (PORTO ALEGRE, 1928, p.1)

Portanto, ficou sobre sua responsabilidade: o projeto do viaduto, o sistema de acesso a avenida Borges de Medeiros e acompanhar as possíveis mudanças que poderiam vir acontecer ao longo da construção. Enquanto, para a mão de obra, foi contratada a construtora Dyckerhoff & Widmann, que tinha como responsabilidade construir o viaduto, as rampas de acesso e, se necessário, escoramentos dos prédios no entorno. As obras começaram em 1929 e o viaduto foi inaugurado em 1932, porém em setembro de 1931 já era aberto ao tráfego (SOUZA, 2010). Segundo Rodrigues ([s.a.]) o viaduto só passou a se chamar viaduto Otávio Rocha na gestão de Ildo Meneguetti, antes disso era conhecido como viaduto da Duque de Caxias.

O Viaduto foi construído em concreto armado, possuindo três vãos: o central com 19,20m e os laterais com 4,80m. No centro, dois pórticos transversais com dois nichos, onde são encontradas duas esculturas femininas em cada um deles, feitas por Alfred Adlof. As rampas de acesso são revestidas com mosaicos de cimento - de tipo pedra portuguesa - e, em sua parte inferior, compartimentos destinados ao comércio e a sanitários. O parapeito das rampas é revestido por balaustrada de concreto e cada rampa dá acesso à avenida Borges de Medeiros através de uma escada.

Em 1933 iniciaram-se notícias de que, oficialmente, a avenida Borges de Medeiros seria inaugurada, mas, de fato, não foi o que aconteceu. Damásio (1996) aponta que a demora nas vias de construção, segundo as críticas dos jornais, não parecia justificável, mas que se tratava de um problema técnico ou ainda que houvesse esquecimento por parte Prefeitura. A finalização da avenida, efetivamente, só veio acontecer anos mais tarde, já na gestão de Loureiro da Silva⁵.

Por fim, o período entre 1920 e 1940 foi de modificações intensas na paisagem urbana, era uma tentativa por parte do governo local e pelas elites de apagar parte da herança cultural da cidade, deixando, dessa maneira, para trás, o passado colonial e afirmando o progresso (FIORE; MACHADO, 2016). Portanto, não só o Viaduto, mas todas as modificações urbanas em Porto Alegre foram ocasionadas por um projeto político e pelas elites da época. Ainda hoje algumas marcas de um passado que prezava por embelezamento e progresso sobrevivem nas fachadas e monumentos no centro da cidade Porto Alegre.

Mas, foi apenas 1988 que o Viaduto veio a ser reconhecido como patrimônio da cidade. Ele foi inscrito no Livro Tombo de Porto Alegre em 31 de outubro 1988, sob o registro número 26. Mais tarde, entre 2000 e 2001, passou por restauro. Ainda é recorrente ações relacionadas ao Viaduto, a exemplo da Lei Nº10.541, de setembro de 2008, que declara:

Art. 1º Fica denominado Passeio das Quatro Estações o espaço público superior do Viaduto Otávio Rocha, constituído dos seguintes segmentos:
 I - com início na Rua Jerônimo Coelho e fim na Rua Duque de Caxias, lado direito do Viaduto, no sentido norte-sul, o Passeio das Quatro Estações - Verão;
 II - com início na Rua Jerônimo Coelho e fim na Rua Duque de Caxias, lado esquerdo do Viaduto, no sentido norte-sul, o Passeio das Quatro Estações - Outono;
 III - com início na Rua Duque de Caxias e fim na Rua Coronel Fernando Machado, lado direito do Viaduto, no sentido norte-sul, o Passeio das Quatro Estações - Inverno; e
 IV - com início na Rua Duque de Caxias e fim na Rua Coronel Fernando Machado, lado esquerdo do Viaduto, no sentido norte-sul, o Passeio das Quatro Estações - Primavera. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2008, doc. eletr.)

A partir dessa lei, passam a ser intitulados *Passeios das Quatro Estações: Verão; Outono; Inverno; e Primavera*. O projeto foi idealizado pelo vereador na época João Antonio Dib, que sugeriu que a nomenclatura dos passeios valorizaria o

⁵ Gestão entre os anos de 1948-1951 e 1955-1959.

espaço que, no ano de 2008, estaria completando 75 anos. Também foram instaladas placas no local denominando os passeios.

Figura 4 - viaduto Otávio Rocha na atualidade



Fonte: MELO, 2014, doc. eletr.

Atualmente, o local tem uma dinâmica própria (Figura 4), exerce sua função primária - melhorando o fluxo rodoviário -, é um ponto de referência da cidade, acomoda bares, estabelecimentos comerciais e serve como abrigo para pessoas em situação de rua. Na atualidade, é frequentemente citado na mídia de forma negativa. Além das questões que envolvem sua conservação enquanto patrimônio, são mencionadas a ocupação por pessoas em situação de rua, as pichações, o mau-cheiro, o acúmulo de lixo e a falta de manutenção. No entanto, as questões que envolvem a situação do Viaduto na contemporaneidade serão trabalhadas na sequência deste trabalho.

2.2 “O símbolo da modernidade”: o viaduto enquanto patrimônio de Porto Alegre

Como já foi dito anteriormente, o viaduto Otávio Rocha, ao longo dos anos, se configurou com uma dinâmica própria. A maneira como foi projetado arquitetonicamente permite que exista vida em dois momentos: na parte inferior, que é uma via de passagem, onde inúmeras pessoas transitam diariamente, pois ali se encontram lojas comerciais, sanitários, paradas de ônibus e com frequência pessoas em situação de rua; e na parte superior, acessada por suas largas escadas onde se encontra bares e lojas comerciais.

Enquanto um patrimônio edificado tombado, é difícil identificar as relações que são constituídas neste espaço, pois elas são diversas. Por exemplo, pessoas em situação de rua se apropriam do local como abrigo - é ali que elas têm um lugar coberto para dormir. Os transeuntes se referem ao local, nos últimos tempos, como sujo ou perigoso. E os comerciantes, reclamam da falta de manutenção. Assim, surgem múltiplos discursos sobre o Viaduto. Mas não sabemos se de fato o viaduto Otávio Rocha é concebido enquanto patrimônio cultural pelos sujeitos que se relacionam com ele.

Desse modo, para tentarmos compreender as relações que ali se estabelecem, precisamos entender o que é patrimônio e outros conceitos que envolvem o tema. Para isso, trabalharemos alguns conceitos e analisaremos, a partir do site TripAdvisor (<tripadvisor.com>) e de alguns jornais locais, as impressões e opiniões acerca do viaduto Otávio Rocha na atualidade.

O documento disponibilizado pela Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural (EPAHC) da prefeitura municipal de Porto Alegre, denomina-se “Instrução de tombamento (histórico): Viaducto Otávio Rocha” e foi escrito por Tagôre Vieira Rodrigues. Segundo Rodrigues ([s.a.]), o Viaduto é considerado um “símbolo da modernidade” para a cidade de Porto Alegre. Ele afirma que desde 1964 já eram realizados consertos e lavagens no Viaduto, mas que ele só passou a ser visto como monumento a ser restaurado quando se começou a ter uma visão global do centro.

Rodrigues ([s.a.]) ressalta que já na década de 1970 era prevista sua reurbanização: “1974 - É lançado pela SMOV [Secretaria Municipal de Obras e Viação] o Plano de Remodelação do Viaduto que previa a eliminação das causas de sua decadência física bem como reurbanizá-lo e dotá-lo de policiamento

permanente.” (Ibidem, p.37). Portanto, a tentativa de transformar o espaço e de muni-lo de policiamento não é um movimento apenas da atualidade.

O Viaduto também foi e ainda é palco de manifestações políticas e de eventos, como desfiles do 7 de setembro (Figura 5). Rodrigues ([s.a.]) ainda aponta que na década de 1980 o Viaduto foi palco de manifestações democráticas e, em 1983, houve o projeto “Museu a céu aberto” usando os 42 arcos internos de contenção das encostas por artistas plásticos para expor obras que representassem os 42 principais bairros da cidade. E, ainda, que em 1990, foram retirados os vendedores ambulantes (camelôs) do local.

Figura 5 - Desfile 7 de setembro, 1941



Fonte: Fototeca Sioma Breitman - Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, 2018.

O viaduto Otávio Rocha passou a ser considerado oficialmente patrimônio da cidade apenas em 31 de outubro 1988. No entanto, nota-se que a preocupação com o espaço passou a ser gradual desde a década de 1960. De alguma forma, sempre existiu a tentativa de ocupar o Viaduto. Mas, é difícil compreender se essas ocupações por parte do município foram motivadas pelo entendimento do Viaduto enquanto patrimônio ou apenas por questões de manutenção do espaço. Ainda

assim, ao se deparar com documentos oficiais caracterizando o Viaduto como “símbolo da modernidade”, identifica-se a possibilidade de associação do conceito de patrimônio à conceitos como memória, história e identidade que, para Oliveira (2008) se inter-relacionam e são modificados ao longo do tempo por essa relação.

De acordo com Choay (2008) o termo patrimônio usualmente vem associado ao termo histórico. Segundo esta autora:

Patrimônio histórico. A expressão designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes de conhecimentos humanos (CHOAY, 2008, p.11)

Então, para a pesquisadora, patrimônio histórico significa uma acumulação contínua de uma diversidade de objetos que afirmam o sentimento de pertencimento a um grupo. Esta autora ainda trabalha o conceito patrimônio edificado, que se enquadra ao Viaduto. Para ela, o termo está relacionado a construção do ambiente pelas mãos dos seres humanos:

O patrimônio, que estará em questão aqui, é formado pelo ambiente construído das sociedades humanas. Sinônimo de patrimônio edificado no espaço pelos homens, ele é qualificado, segundo suas diversas categorias, de patrimônio construído, arquitetônico, monumental, urbano, paisagístico... e, segundo seu modo de inserção na temporalidade, é dito histórico ou contemporâneo. (CHOAY, 2011, p.9)

Percebe-se, então, que ela usa os dois termos - patrimônio e patrimônio edificado - nada mais como sinônimos, e que ele é qualificado por suas diversas categorias, como arquitetônico, monumental, urbano, paisagístico e assim por diante.

É relevante compreendermos também que o conceito “patrimônio” não é consensual entre as diversas culturas existentes, nem mesmo pelos grupos sociais que se apropriam da materialidade em questão. Segundo Gonçalves (2002) o patrimônio é a formação de um pensamento que, a partir da memória e identidade de determinados grupos, resulta em narrativas continuamente (re)interpretadas:

[...] as narrativas [...] estão sendo sempre contadas e recitadas, assim como ocorre com os mitos. Nesse processo, aquela distância ou ausência, a distância entre linguagem e experiência, entre símbolo e o que é simbolizado, significante e significado, desejo e objeto de desejo, é

permanentemente recriada, embora sob o impulso mágico de transcendê-la (GONÇALVES, 2002, p.21-22).

Portanto, a partir dessas narrativas que envolvem memória e identidade, configura-se uma ideia de pertencimento associada à bens culturais. Este autor ainda afirma que a maneira como essas narrativas são criadas apresentam dimensões alegóricas, isto é, criam princípios abstratos, que são visivelmente ilustrados em objetos, coleções, monumentos, cidades históricas. Influenciado pela conceituação de Walter Benjamin, Gonçalves (2007, p.65) ainda coloca que:

A narrativa, enquanto uma modalidade específica de comunicação humana, floresce num contexto marcado pelas relações interpessoais. O narrador é alguém que traz o passado para o presente na forma de memória; ou que traz para perto uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. A narrativa sempre remete a uma distância no tempo ou no espaço. Essa distância é medida pela experiência pessoal do narrador. [...] O narrador sempre empunha sua marca pessoal em suas estórias. Enquanto modalidade de comunicação, a narrativa sempre deixa rastros humanos.

As narrativas sofrem influências subjetivas de quem está na posição de narrador. Ela leva consigo os interesses e experiências do seu narrador, portanto, não está livre de modificações, acréscimos e/ou omissões. E nesse trabalho isso deverá ser levado em consideração quando tratarmos diretamente dos discursos dos três agentes que serão analisados posteriormente, visto que as narrativas advêm da posição de cada narrador.

Nessa perspectiva, institucionalização e valoração também interferem no que se torna ou não patrimônio. Para Chuva (2014) o cerne da preservação do patrimônio é a atribuição de valores que transforma bens ou práticas em patrimônios. Segundo a autora:

A questão do valor de patrimônio, condutor nas atividades que se desenvolvem no âmbito das instituições de preservação do patrimônio cultural, está remetida à complexa discussão sobre identidades. Valor para quem? Valor em que sentido ou perspectiva? Valor simbólico, valor estético, valor histórico, valor de uso, valor de troca todos estão em jogo em uma economia que se instaura a partir do reconhecimento por meio de sua patrimonialização e musealização. (CHUVA, 2014, p.196)

Desse modo, questiona-se que valores estão associados à própria valorização de um patrimônio. E esse processo de patrimonialização e/ou musealização faz-se, principalmente, a partir da validação institucionalizada, que nem sempre leva em conta a diversidade de uma sociedade. Portanto, torna-se, ao

mesmo tempo, um processo político e de interesse de alguém, como adverte Chagas (2002, p.36) “[...] o poder é semeador e promotor de memórias e esquecimentos”.

Para Pesavento (2003) a representação envolve processos de identificação, percepção, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão. Ela ainda afirma que a representação não é uma cópia da realidade e, sim, uma construção feita a partir dela - o modo como um grupo impõe sua maneira de ver o mundo. Portanto, representação é, sobretudo, a maneira de um grupo e/ou comunidade estabelecer sua visão de mundo.

Os debates acadêmicos consideram que o conceito de patrimônio é complexo, pois há o consenso de que não há uma única definição, depende de quem e de onde está se interpretando, estando ancorado em relações políticas e de poder. Ao se articular com outros conceitos - como narrativas, memória e identidade - produz diferentes representações sobre a materialidade em questão. Essas assertivas, ao serem aplicadas ao objeto de estudo desse trabalho, o viaduto Otávio Rocha, contribuem para identificar e destacar a complexidade interpretativa sobre esse patrimônio edificado. Uma das fontes que viabilizou uma análise das percepções sobre o patrimônio foi o site TripAdvisor (<tripadvisor.com.br>).

O TripAdvisor é um site de viagens que oferece informações e opiniões turísticas. Ele permite a visualização de locais turísticos, fornecendo os comentários e notas de seus usuários acerca destes locais. Assim, pesquisou-se comentários publicados entre os anos de 2017 a 2018⁶. Para facilitar a visualização do conteúdo foi desenvolvido um quadro organizado da seguinte maneira: *nome do usuário*; *data de publicação*; *o título do comentário*; e *comentário* (Apêndice A). Os trechos grifados em negrito são para indicar as associações mais recorrentes sobre o Viaduto.

Portanto, visualizou-se que a maioria dos comentários são seguidos pelas conjunções adversativas “mas” ou “porém”. Num primeiro momento, afirmando que o espaço tem uma relevância histórica, uma arquitetônica bela, importante e imponente, que é um lugar simbólico da cidade, “uma obra de arte”, um marco arquitetônico, mas, ao mesmo tempo, vem seguido de afirmações como: perigoso, sujo, com cheiro de urina e fezes, presença de lixo, pichações, moradores de rua,

⁶ Foram localizados vinte e seis (26) comentários postados entre janeiro de 2017 a maio de 2018.

mendigos, “uma cracolândia” e descaso da prefeitura, como observa-se nos exemplos abaixo:

Esse **viaduto histórico faz parte da história de Poa**, localizado na Borges de Medeiros. A **construção e estilo tornam o viaduto único e marcante**, porém é **morada de diversos mendigos e também é muito perigoso**, até na luz do dia. (F., 2017, apud TRIPADVISOR, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

A **bela arquitetura** do Viaduto Otávio Rocha **está maltratada** pelas pichações e **mendigos** que estão morando debaixo de seus arcos. **É constrangedor passar pelo local**. O local de lancherias, lojas de vestuário, sebo, fitoterapia e banheiros públicos (HECKMANN17183, 2017, apud TRIPADVISOR, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

O viaduto é uma **obra arquitetônica única**, construído na década de 30 seus **traços são espetaculares**. Porém aos poucos está **sendo tomado por mendigos e catadores de lixo, parece um lixão com tanta porcaria nos cantos da calçada e o cheiro de mijo é insuportável, além de estar com pichações por toda parte**.” (Eduardo P, 2017, apud TRIPADVISOR, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Os títulos dos comentários também valem uma análise: “parte da história”, “realidade triste”, “passando rápido”, “previna-se”, “desperdício”, “obra bonita transformada em favela”, “bonito, porém com muitos moradores”, “uma pena, sujo e perigoso”, “cuidado extremo”, “vergonhoso”, “moradia de sem teto” (apud TRIPADVISOR, 2018, doc. eletr.). Portanto, o Viaduto é visto como parte da história da cidade, como um bem que possui uma arquitetura relevante. Mas, ao mesmo tempo, é observado contemporaneamente de maneira negativa, como um lugar descuidado, abandonado, que passa por diversos problemas de ordem pública.

Se o site TripAdvisor oferece opiniões em uma perspectiva turística, os jornais locais constroem imaginários fundamentados nas experiências hodiernas. A recorrência dessas impressões também chamou a atenção na construção desse trabalho. Assim, foram realizados recortes de trechos de distintas reportagens que mencionaram o viaduto Otávio Rocha, publicadas também entre os anos de 2017 e 2018⁷. Da mesma forma do anterior, para facilitar o entendimento, foi desenvolvido um quadro com *o trecho da notícia, o jornal e a data da sua publicação* (Apêndice B). Em negrito, encontram-se os assuntos mais recorrentes entre as notícias.

Os jornais se referem ao Viaduto como um lugar que necessita ser restaurado, que precisa de alguma forma de ocupação - como eventos com food

⁷ Foram localizadas onze (11) reportagens de julho de 2017 a agosto de 2018.

trucks ou feiras multiculturais - para ser revitalizado, que está abandonado. Além disso, é bem frequente a associação do local com tráfico, consumo e comercialização de drogas ou até mesmo, como vimos nos comentários do TripAdvisor, uma “cracolândia”. A insegurança também é ressaltada: assaltos e sensação de insegurança. Também são associados termos como lixo, cheiro de fezes e urina.

A partir dessas evidências podemos fazer algumas reflexões. Ambos, site e jornais, surgem com discursos bastante semelhantes. Talvez as afirmações frequentes dos jornais acerca do Viaduto - como perigoso, presença de tráfico, equiparação com uma “cracolândia” - reforce o discurso da população sobre o espaço. Essas pistas permitiram observar duas distintas percepções acerca do viaduto Otávio Rocha, vinculadas a percepções de temporalidades distintas e, que, na mesma oração tornam-se ideias ambíguas: ao remeterem ao passado são positivas, relacionando a valoração do Viaduto enquanto parte da história, símbolo da cidade e de sua importância arquitetônica; quando referem-se ao presente são negativas, relacionadas ao descuido, a sujeira, a falta de segurança, a uma “cracolândia”. Portanto, de uma certa forma, há uma valoração enquanto patrimônio, mas não necessariamente o viaduto Otávio Rocha seja apropriado contemporaneamente pela população na condição de patrimônio cultural edificado.

O capítulo a seguir discutirá mais profundamente a apropriação dos diferentes agentes - comerciantes, pessoas em situação de rua e do próprio Estado - que usufruem, cotidianamente, o viaduto Otávio Rocha.

3 A DISPUTA PELO VIADUTO OTÁVIO ROCHA: os vários lados de uma história

Como foi mencionado anteriormente, inicialmente, o intuito deste trabalho era entender como pessoas em situação de rua se relacionavam com o viaduto Otávio Rocha enquanto patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre. No entanto, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, um acontecimento fez necessária sua adaptação: a remoção das pessoas em situação de rua que habitavam o Viaduto. Essa remoção ocorreu através de ação conjunta entre a Brigada Militar e o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU).

Por conta desta ação, percebeu-se que se o trabalho se mantivesse como idealizado no projeto de pesquisa seu desenvolvimento seria afetado. E, sobretudo, essa ação (também tratada aqui como evento), levantou um importante debate sobre a reapropriação desse espaço, que também se presta a vários usos e que assume o papel de patrimônio da cidade, fazendo com que a pesquisa adotasse como método a análise *ex-post-facto*⁸. Dessa forma, esse capítulo cumpre o papel de apresentar esse evento de reapropriação e, a partir de uma análise de conteúdo feita em jornais locais, analisaremos argumentos que embasam as opiniões sobre as ações ocorridas no viaduto Otávio Rocha. Esses argumentos serão analisados partir do discurso de três agentes: comerciantes do Viaduto, Estado e pessoas em situação de rua. Também serão considerados na análise os debates sobre políticas públicas que surgem a partir das estratégias de reapropriação do Viaduto.

Sendo assim, antes de apresentar a ação e de analisar os debates, algumas considerações precisam ser feitas. Quando se iniciou este trabalho, constatou-se a dificuldade que o senso comum, os jornais e outros meios de comunicação têm ao se referir a pessoas que se encontram em situação de rua. Geralmente eles mencionam esses indivíduos como “sem-teto” ou “moradores de rua”. Por conta disso, iniciou-se a busca conceitos em outras áreas do conhecimento para utilização de termos não pejorativos. Foram, dessa forma, encontrados dois conceitos. O

⁸ A expressão *ex-post-facto* significa “a partir do fato passado”. Consiste em pesquisar após a ocorrência do fato/fenômeno objeto do estudo. Busca verificar a existência de relações entre variáveis: “A pesquisa *ex-post-facto* tem por objetivo investigar possíveis relações de causa e efeito entre um determinado fato identificado pelo pesquisador e um fenômeno que ocorre posteriormente. A principal característica deste tipo de pesquisa é o fato de os dados serem coletados após a ocorrência dos eventos. A pesquisa *ex-post-facto* é utilizada quando há impossibilidade de aplicação da pesquisa experimental, pelo fato de nem sempre ser possível manipular as variáveis necessárias para o estudo da causa e do seu efeito (FONSECA, 2002, p.32 apud SILVEIRA, CÓRDOVA, 2009, p.38).

primeiro deles é o termo que denomina esses sujeitos enquanto grupo social: *população em situação de rua*, que de acordo com Abreu e Salvadori (2015, p.1):

O termo “população em situação de rua”, utilizado em documentos oficiais do estado brasileiro, abrange um conjunto de significados que contempla um grupo bastante heterogêneo, como os andarilhos, trecheiros, pardais, dentre outros sujeitos que fazem da rua seu principal espaço de convivência.

Portanto, o termo oficial, no plural, empregado no território brasileiro é *população em situação de rua*, considerando que este grupo é heterogêneo e utiliza a rua como espaço de coexistência. E o segundo conceito, que complementa o primeiro e também é citado por estes mesmos autores, é *rualização*:

O que alguns autores chamam de processo de rualização, parte de uma concepção oposta de achar que os sujeitos “são da rua”, desta forma o entende como um processo social que se configura a partir de múltiplos condicionantes, e num espaço de tempo. (Ibidem, p.4)

Defende-se, então, que “ser da rua” é uma condição que se caracteriza em um tempo e estado e, portanto, não é uma situação permanente. Assim, a utilização destes conceitos é fundamental para caracterizar essas pessoas enquanto grupo social e não se referir a elas de maneira pejorativa. Colocado isto, iniciamos o levantamento de indícios da ação que ocorreu no viaduto Otávio Rocha em agosto desse ano.

O dia 2 de agosto de 2018 foi noticiado com distintos jornais trazendo matérias que anunciavam a ação de remoção das pessoas em situação de rua do Viaduto, como podemos ver nas imagens a seguir (Figuras 6-9):

Figura 6 - Matéria publicada pelo jornal Gaúcha ZH (2/8/2018)

The screenshot shows the Gaúcha ZH website interface. At the top, there are navigation links for 'MENU', 'CAPA', and 'GZH'. The main header features the logo 'GAÚCHAZH. PORTO ALEGRE' and buttons for 'ENTRAR' and 'ASSINE'. Below the header, the article title is 'Sem conhecimento da prefeitura, ação da BM retira pertences de moradores de rua do Viaduto Otávio Rocha'. A sub-headline reads: 'Ausência de colchões, barracas e dos moradores de rua chama a atenção de quem circula pelo local desde a tarde de quarta-feira'.

Fonte: VARGAS, 2018a, doc. eletr.

Figura 7 - Matéria publicada pelo jornal Correio do Povo (2/8/2018)

The screenshot shows the Correio do Povo website interface. The header includes the weather for Porto Alegre (23°C) and the date 'PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 2018'. The main title is 'Visual do viaduto Otávio Rocha muda após ação da Brigada Militar'. A sub-headline states: 'Segundo a BM, local estava virando uma cracolândia e moradores de rua deram lugar a traficantes'. There is also a 'Recomendado para você' section with a link to 'Momentos constrangedores na praia capturados em fotos! (desafiomundial)'.

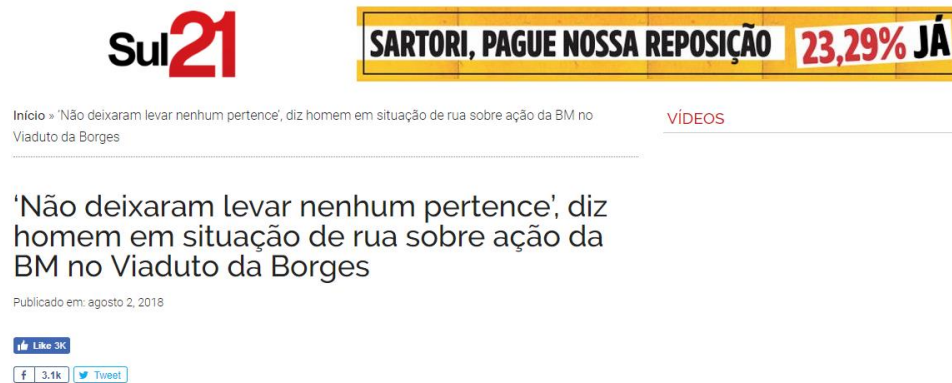
Fonte: XAVIER, 2018, doc. eletr.

Figura 8 - Matéria publicada pelo jornal G1 (2/8/2018)

The screenshot shows the G1 website interface. The header features the G1 logo and the text 'RIO GRANDE DO SUL'. The main title is 'Viaduto Otávio Rocha em Porto Alegre fica sem barracas e moradores de rua após ações policiais'. A sub-headline reads: 'Brigada Militar diz que não havia mais moradores de rua nas calçadas, apenas usuários e traficantes de drogas, que deixaram o local. Movimento da população de rua apura junto aos órgãos responsáveis o que ocorreu.' The article is attributed to 'Por Gabrielle de Paula, G1 RS' and dated '02/08/2018 16h16 - Atualizado há 3 meses'.

Fonte: PAULA, 2018, doc. eletr.

Figura 9 - Matéria publicada pelo jornal Sul21 (2/08/2018)



Fonte: SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr.

Essas manchetes evidenciavam o ocorrido do dia 1 de agosto de 2018: uma ação conjunta entre a Brigada Militar e DMLU para a remoção das pessoas em situação de rua do Viaduto. Não houve planejamento para realocação desses indivíduos, que acabaram se reconduzindo a outros espaços públicos da cidade, como praças e viadutos. De acordo com uma reportagem do G1, publicada no dia 2 de agosto desse ano:

Na manhã desta quinta-feira (2), moradores e pedestres do Centro de Porto Alegre encontraram um cenário diferente no Viaduto Otávio Rocha, na Avenida Borges de Medeiros. Barracas que ocupavam as calçadas foram retiradas pelo Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) na quarta-feira (1º), após solicitação da Brigada Militar. (PAULA, 2018, doc. eletr.)

Portanto, a ação retirou barracas e outros pertences das pessoas que habitavam o local. Em 2016, como mostra o repórter do Gaucha ZH, Vilani (2016, doc. eletr.) já havia ocorrido outra ação: “Às vésperas de uma comemoração pelos 84 anos do Viaduto Otávio Rocha, no Centro Histórico de Porto Alegre, uma ação conjunta de órgãos da prefeitura retirou os moradores de rua do local”. Assim, evidencia-se que essa não foi a primeira vez que ocorreu uma ação com esse objetivo, e que pouco tempo depois o Viaduto passou, novamente, a abrigar pessoas em situação de rua.

Ainda de acordo com matéria produzida pelo G1, a assessoria imprensa da Secretaria da Saúde da Prefeitura afirmou que não houve envolvimento do município na ação, como afirma Paula (2018, doc. eletr.):

O G1 entrou em contato com a prefeitura, que por meio da assessoria de imprensa da Secretaria Municipal da Saúde informou que a ação realizada não teve participação do município, sem abordagem social nem de saúde. De acordo com a

assessoria da Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc), o órgão também não teve participação na ação.

Dessa forma, indícios revelam que nem a Secretaria de Saúde e nem a Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) - órgão também municipal - estavam sabendo dessa ação. O secretário da Saúde, Erno Herzheim, quando questionado sobre o ocorrido, colocou: *“O senhor sabia previamente que os moradores de rua seriam retirados? Não, porque a ação estava cercada do sigilo da ação de segurança. E eu não vejo nenhum problema em não ter sido avisado.”* (WEBER, 2018, doc. eletr. Grifo do autor). Para ele, portanto, não houve envolvimento do município, pois a ação teria tido caráter de segurança.

Assim, no mesmo dia que os jornais publicavam a remoção das pessoas em situação de rua do Viaduto, o jornal Correio do Povo publicou uma matéria informando que o espaço receberia food trucks já no sábado, apenas dois dias após a ação:

A Prefeitura informou, por meio de sua assessoria, que o evento com os food trucks no local já eram uma proposta planejada anteriormente. Conforme a administração, o projeto já estava gestado “há muito tempo”. Ainda assim, o governo avalia como positivo ter a oportunidade de colocar em prática o evento. O objetivo, segundo o município, é criar uma área de convivência e ainda estimular o empreendedorismo. (PORTO ALEGRE TERÁ..., 2018, doc. eletr.)

Segundo a assessoria da prefeitura, a colocação de food trucks na parte inferior do Viaduto já vinha sendo planejada há bastante tempo, com o intuito de ocupar o espaço, estimulando o empreendedorismo e criando uma área de convivência. Esse “evento” (como se referem os jornais) de food trucks tem por proposta ocorrer nos finais de semana, com caráter experimental.

É preciso ressaltar que ao ter contato com um evento/ação contada por jornais, somos colocados em uma posição de receptores de mensagens que são emitidas por corporações jornalísticas que possuem suas posições políticas e ideológicas. Nessa perspectiva, percebeu-se que jornais distintos ao evidenciarem a ação repetiam as mesmas informações já veiculadas por outros jornais, ou as citavam. Isso acaba gerando uma uniformização do conteúdo e se associa com o que Bourdieu (1997) analisa sobre a influência do jornalismo:

Para ser o primeiro a ver e fazer ver alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando a deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente os outros, acaba-se por fazerem

todos a mesma coisa, e a busca da exclusividade que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e na banalização. (BOURDIEU, 1997, p.27)

Acaba-se, portanto, havendo uma disputa/competição pela difusão de notícias que passam a ser uniformizadas e banalizadas, perdendo, assim, suas particularidades e originalidade. Isso ficou visível na posição dos jornais, exceto poucas exceções, que quando retratam sobre a ação (sem a posição dos agentes), se posicionam de forma indiferente.

A fim de compreender a ação iniciada em agosto foi realizada uma análise de conteúdo dos argumentos que embasaram essa remoção. De acordo com Caregnato e Mutti (2006, p.683): “A técnica de AC [análise de conteúdo], se compõe de três grandes etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados e interpretação”. Como a metodologia se trata de *ex-post-facto*, foram mapeados e analisados jornais a partir do dia que foi noticiado a ação (2.8.2018) até o momento de finalização deste trabalho.

Para melhor compreensão da análise foram desenvolvidos três quadros contendo os *agentes*, *categorias de análise*, *termos associados à categoria* e os *trechos dos jornais* (Apêndices C-E). As categorias de análise foram organizadas de acordo com as recorrências em grupo, de forma decrescente (mais para a menos recorrente).

A primeira evidência da análise é que entre os três discursos mapeados apenas uma única categoria em comum foi evidenciada: a relacionada ao TRÁFICO. No entanto, o tráfico não foi colocado como uma categoria única, pois nos três discursos ele vem associado a algum outro elemento e, por conta disso, elas foram denominadas de acordo com as recorrências de cada agente. Então, para os comerciantes essa categoria foi denominada “Tráfico e insegurança”, para o Estado “Tráfico, usuários de drogas e insegurança” e para pessoas em situação de rua “Tráfico e uso de drogas”. A abordagem dos três discursos é distinta, como é possível identificar nos trechos a seguir.

Para presidente da Associação Representativa e Cultural dos Comerciantes do Viaduto Otávio Rocha (ARCCOV):

A **insegurança** era demais, as pessoas reclamando. **O espaço estava refém do tráfico**. Isso já vem de um ano, dois, cinco para cá. É que nem aquela música do Roberto Carlos, “todos estão mudos, surdos e cegos”, diz. (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Já na perspectiva do Estado:

De acordo com o tenente-coronel Rodrigo Mohr, do 9º Batalhão de Polícia Militar, não havia mais moradores de rua vivendo nas barracas. Apenas **usuários e traficantes de drogas** estariam usando a cobertura do viaduto, e deixaram o local. “Estava se criando uma **cracolândia** no Centro, então há mais de um mês reforçamos ações de policiamento. Com as abordagens diárias, **os traficantes não ficam**”, explica. “Ali não havia mais moradores de rua, mas **ladrões, traficantes e usuários de drogas**”, afirmou ele. (PAULA, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

E, por fim, para Emerson Pavão, pessoa em situação de rua entrevistado pelo jornal Sul21:

Apesar de reconhecer que há presença de **assaltantes** e do **tráfico** no local, Emerson diz que há “muita gente do bem” que está pagando por isso. “Gente que trabalha, desenha, recicla, que precisa daquele local para descansar, para pegar uma comida, uma coberta, uma roupa, porque sempre vem gente ali à noite para distribuir essas coisas. Tem gente boa no meio também. As pessoas precisam do local e estão pagando pelos outros”, explica. (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Para os três agentes, portanto, há atividades relacionadas ao tráfico de drogas viaduto Otávio Rocha. Mas, percebeu-se que a recorrência do tráfico é mais frequente no discurso do Estado, onde os termos *cracolândia*, *consumo e comércio de drogas*, *assaltos*, *atividades criminais*, *furtos*, *roubos* e até mesmo *doenças mentais* vêm associados ao discurso. Portanto, é perceptível que na construção do discurso do Estado só havia traficantes e usuários de drogas no local, o que seria uma justificativa para a ação policial.

No discurso da ARCCOV, o tráfico foi citado apenas uma vez, no trecho demonstrado acima, que aponta que o tráfico traz a insegurança e que ele é presente no Viaduto já faz alguns anos. Já para as pessoas em situação de rua, como mostra a entrevista com Emerson Pavão, no trecho citado anteriormente, há sim a presença de tráfico e assalto no local. Para ele, no entanto, existem outras pessoas que se encontram em processo de rualização, que acabam sendo estigmatizadas pelo tráfico e assaltos que ali acontecem. Juarez Paim, que não se alocava no Viaduto, mas que vive em situação de rua, afirma:

[...] que havia de 20 a 30 pessoas em situação de rua morando no local que **não eram traficantes ou usuárias de drogas**. “Não vi nada no dia da remoção, mas tinha gente morando lá, sim”, garante. Paim, que descansava na praça Padre Gregório de Nadal, costuma dormir na rua Demétrio Ribeiro, junto a outros moradores de rua. Ele está nessa condição há mais de um

ano. Sentado em cima de papelões na rua Demétrio Ribeiro, enquanto seu companheiro dormia e o cachorro do casal brincava. (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

O entrevistado estima, então, que havia cerca de 20 a 30 pessoas em situação de rua morando no Viaduto que não eram traficantes ou usuárias de drogas. A ex-secretária da Secretaria de Desenvolvimento Social, Maria de Fátima Záchia Paludo, em uma entrevista para o Jornal do Comércio concorda com esse alto índice: “[...] A ex-secretária estima que de 30 a 40 pessoas em situação de rua habitavam o viaduto e, hoje, se mantêm na rua, em outros lugares” (SANDER, 2018, doc. eletr.). Dessa forma, os discursos entre o Estado e as pessoas em situação de rua se diferem. Enquanto o Estado afirma que ali só haviam traficantes, usuários de drogas e assaltantes, as pessoas em situação de rua colocam de que existem outras tantas que o habitavam e não eram traficantes ou usuárias de drogas.

Em 2016 foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa sobre a População de Rua em Porto Alegre em conjunto com Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e Sociologia da UFRGS. Assim, por meio de grupos focais, observações participativas, estudo etnográfico e censo da população de rua na cidade, chegou-se aos seguintes dados:

O estudo resultou em um total de 2115 adultos e 27 crianças e adolescentes em situação de rua no ano de 2016 na cidade [...]. O número de adultos em situação de rua sofreu um acréscimo de 57% em relação ao número encontrado no censo realizado pela FASC em 2011. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2018, p.26)

Portanto, em um período de cinco anos houve o aumento em 57% do número de pessoas em situação de rua em Porto Alegre. Esse dado, além de alarmante, sustenta a informação acerca do grande número de pessoas em situação que se encontravam no viaduto Otávio Rocha.

A próxima categoria identificada, visível nos apontamentos dos comerciantes e da versão do Estado, é a OCUPAÇÃO DO ESPAÇO - que nos leva diretamente ao evento da colocação dos food trucks. A seguir trechos exemplificando o discurso desses dois agentes. De acordo com o presidente da ARCCOV:

A associação, segundo ele [Adacir Flores], tentou apresentar um projeto ao atual governo municipal para realização de uma **Feira Multicultural** a ser realizada semanalmente sob os arcos do Viaduto. Flores diz que chegaram a levantar o assunto em uma reunião do Orçamento Participativo do ano passado. Sem resposta da prefeitura, este ano, decidiram nem participar do

OP por estarem 'cansados'. (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Segundo o atual prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan Júnior⁹:

A ação da Prefeitura de Porto Alegre tem como objetivo criar **áreas de convivência** para os moradores, incentivando a **ocupação dos espaços públicos**. “Estamos fortalecendo a relação dos porto-alegrenses com os espaços públicos da cidade. Esta é mais uma iniciativa de revitalização destes locais com o intuito de mostrar a cidade sob novos ângulos”, destacou o prefeito Nelson Marchezan Júnior. (VIADUTO..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Nessa categoria, recorre no discurso dos comerciantes os termos *revitalização, ocupação do local e Feira Multicultural*. Já o Estado tem como termos associados: *food trucks, área de convivência, ocupação do local e ocupação de espaços públicos e empreendedorismo*. Salienta-se que, segundo a Prefeitura, a colocação de food trucks já havia sido planejada anteriormente: “A Prefeitura informou, por meio de sua assessoria, que o evento com os food trucks no local já eram uma proposta planejada anteriormente. Conforme a administração, o projeto já estava gestado ‘há muito tempo’.” (PORTO ALEGRE TERÁ..., 2018, doc. eletr.). Desse modo, o Estado, que destaca a criação de áreas de convivência e melhorar a relação de convivência com os porto-alegrenses, não levou em consideração a tentativa dos comerciantes do Viaduto de ocupar o local em uma possível ação conjunta, postura que antagoniza o seu próprio discurso.

A seguinte categoria dialoga com a anterior, mas que é presente apenas no discurso dos comerciantes, na qual foi denominada PRESERVAÇÃO. Os termos associados a essa categoria são *valor histórico, construção única, restauração, envolvimento das pessoas e da comunidade*. Percebe-se, portanto, que no discurso do Estado a intenção é revitalizar o Viaduto, mas não há indícios nos discursos que referencie seu valor histórico/patrimonial. O que é diferente no discurso dos comerciantes, que além de ser associado enquanto construção única, mencionando o seu valor histórico, evidencia também a necessidade de restauração. Para o presidente da ARCCOV, as tentativas de restauração anteriores não levavam em conta o envolvimento da comunidade:

⁹ Formado em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e pós-graduado em Gestão Empresarial na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Período de gestão: 2017-2020.

Flores lembrou do projeto para a **restauração** do Viaduto que chegou a ser iniciado no governo de José Fortunati (na época no PDT), mas nunca teve prazos estabelecidos para seguir. Segundo ele, outros projetos que tentaram a restauração sempre levavam em conta apenas a reforma física da construção, sem prestar atenção no **envolvimento das pessoas**. (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Para o presidente da ARCCOV, então, não se pode levar em conta apenas a restauração física do Viaduto, mas também o envolvimento da comunidade. No entanto, por mais que seja um ponto positivo esse reconhecimento, ao mesmo tempo, quando se fala em comunidade, é questionável se são levadas em consideração as pessoas em situação de rua que se encontravam naquele espaço.

A categoria POLÍTICAS PÚBLICAS foi identificada no discurso do Estado e das pessoas em situação de rua. No primeiro grupo de agentes, os termos associados foram: *Plano Municipal de Superação da Situação de Rua, políticas públicas, soluções para moradores de rua e projeto*. No segundo, *aluguel social e projeto*. A seguir dois trechos da versão do Estado:

Segundo a Secretaria de Saúde, abordagens conjuntas já estão sendo realizadas por equipes que incluem assistente social, educador social, psicólogo, médico, enfermeiro e técnico em enfermagem. **Desde que o plano [Plano Municipal de Superação da Situação de Rua]** foi lançado até agora, ações ocorreram nas praças no Centro e nas proximidades do Hospital de Pronto Socorro. O objetivo das abordagens, segundo a pasta, é estabelecer vínculo para promover a inserção das pessoas nas **políticas públicas** de moradia e saúde, ou promover o retorno às suas cidades de origem - duas pessoas já retornaram para casa com as passagens disponibilizadas pela prefeitura. (VARGAS, 2018a, doc. eletr. Grifo meu)

O prefeito Nelson Marchezan diz que a revitalização do viaduto já estava nos planos da administração, junto aos projetos de reestruturação do Cais do Porto e da Orla do Guaíba. Embora afirme que não foi informado sobre as ações de policiamento, aprovou as medidas tomadas: - As ações têm todo o nosso apoio. O DMLU não sabia exatamente o que era, mas cumpriu seu papel. A Brigada é nossa parceira. Não vamos ficar procurando pequenos erros, se é que existem. Vamos manter as nossas forças. **Nosso programa de atendimento a moradores de rua conseguiu verba federal agora, e devemos oferecer um roll de alternativas**. São várias engrenagens que estão se montando. (COMO FOI O..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Para o Estado, portanto, antes da ação de remoção dessas pessoas no dia primeiro de agosto, já vinham sendo realizadas abordagens conjuntas com equipes multidisciplinares de profissionais, a fim de inserir pessoas em situação de rua em políticas públicas de saúde e moradia. O prefeito afirma que não participou da ação da polícia, apontando até mesmo que não vê erro algum nessa ação e que a polícia

tem o seu apoio. Além disso, declara que o DMLU não sabia exatamente a sua colocação na ação, mas que cumpriu com sua função.

Ainda em relação a políticas públicas, a ex-secretária do Desenvolvimento Social de Porto Alegre informou que pediu exoneração do cargo depois de seu plano ter sido rejeitado pelo município, de acordo com Sander (2018, doc. eletr. Grifo meu):

A ex-secretária municipal de Desenvolvimento Social, Maria de Fátima Záchia Paludo pediu exoneração em outubro do ano passado - ficou dez meses no cargo -, após **apresentar um plano para lidar com a grande quantidade de pessoas morando embaixo do viaduto Otávio Rocha. O projeto**, porém, foi rejeitado pelo prefeito Nelson Marchezan Júnior. [...] Na época, Maria de Fátima propôs a retirada gradual da população de rua do local e a ocupação do espaço por eventos com food trucks e feiras diversas. Depois de negar **o plano** da então secretária, a prefeitura tem realizado a ocupação do viaduto exatamente da maneira sugerida por ela. Maria de Fátima vê a desocupação da área como necessária, para que o espaço público seja aproveitado por todos pacificamente. Entretanto, não concorda com a forma como o despejo foi feito.

Em uma notícia postada no próprio site da Prefeitura Municipal, alega-se que o evento dos food trucks faz parte do Plano Municipal de Superação de Situação de Rua:

Plano Municipal - A ação piloto neste final de semana no Viaduto Otávio Rocha, no Centro Histórico, faz parte do **Plano Municipal de Superação da Situação de Rua**, que tem como objetivo criar áreas de convivência para os porto-alegrenses, incentivando a gastronomia itinerante e o empreendedorismo produtivo da cidade por meio da ocupação dos espaços públicos. A determinação do prefeito Nelson Marchezan Júnior é realizar iniciativas que fortaleçam a relação dos porto-alegrenses com os espaços públicos da cidade. “Esta é mais uma iniciativa de revitalização destes locais com o intuito de mostrar a cidade sob novos ângulos”, destacou o prefeito. (BRASIL, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Para o Prefeito, a colocação desses food trucks incentivam o empreendedorismo, a gastronomia itinerante, a ocupação de espaços públicos na tentativa fortalecer a relação com os porto-alegrenses. Mas, por que esse evento faria parte de um Plano de Superação de Rua?

Já os argumentos das pessoas em situação de rua, nessa categoria, são associados a reivindicações:

Outros sem-teto conversavam sentados nas escadas do viaduto, discutindo quais serão os próximos abrigos. Ao lado de uma garrafa plástica e uma mochila nas costas com algumas mudas de roupa, Maurício Dias Maciel, 37 anos [...] - Eu admito que uso crack e maconha, sim, porque eu me envolvi com pessoas

de má índole anos atrás. Não dá pra mudar o passado. Mas eu sou ser humano, trabalho para poder comer e ter minhas coisas, e eles vem do nada e levam até o meu colchão. **Não temos direito a aluguel social ou alguma ajuda assim?** - questiona Maurício, que morava ali desde os 22. (COMO FOI O..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Emerson vive em situação de rua há 13 anos e integra o Movimento Nacional das Pessoas em Situação de Rua no Rio Grande do Sul. [...] **“Se tem esse projeto do [Nelson] Marchezan [Júnior, PSDB], da Prefeitura, da Secretaria de Saúde, eles tinham que arranjar uma solução. [O prefeito] está falando bonito, mas o projeto só ficou no papel”**, questiona Pavão. (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Maurício, que se apropriava do Viaduto enquanto abrigo há 15 anos, questiona a ação da polícia, perguntando se eles não têm direito a algum aluguel social ou alguma outra ajuda. Já Emerson, que é integrante do Movimento Nacional de Pessoa em Situação de Rua no Rio Grande do Sul e vive há 13 anos em situação de rua, critica o Plano, afirmando que esse projeto não saiu do papel.

Dessa forma, percebe-se que de um lado temos o Estado, que afirma que o Plano de Superação de Rua está sendo efetivado em Porto Alegre, enquanto, por outro lado, temos pessoas em situação de rua que alegam que as políticas públicas são propostas pela Prefeitura, mas que não são efetivadas. Esse Plano de Superação de Rua, como mencionado anteriormente, foi lançado em maio de 2018. De acordo com Moraes (2018) o Plano foi elaborado conjuntamente pela Secretaria Municipal da Saúde (SMS), Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) e articulado com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Esporte (SMDSE). Ele é formado por seis estratégias, que incluem diversas secretarias municipais: “Qualificação da Abordagem, Programa Moradia Primeiro, Ampliação da Rede de Saúde Mental, Aumento da Ofertas de Oportunidades, Revitalização do Espaço Urbano e Monitoramento da Assistência” (MORAES, 2018, doc. eletr.).

O Plano de Superação de Rua tem os mesmos moldes de planos já experimentados em países como Portugal, Finlândia, Austrália, Estado Unidos e Canadá, e, segundo o secretário de Saúde de Porto Alegre, há evidências científicas que os programas internacionais tiveram êxito (MORAES, 2018). Incluído nesse Plano, temos o programa Moradia Primeiro, que segundo a Prefeitura Municipal consiste no oferecimento de cinco serviços:

1. Acesso imediato à moradia;
2. Estímulo à autonomia e autodeterminação, sendo que o imóvel e outros serviços são escolhidos pelo beneficiário, conforme opções pré-

selecionadas;

3. Tratamento individualizado, oferecido mediante visitas quinzenais da equipe de saúde/assistência;

4. Acesso aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do município, ofertando serviços personalizados de acordo com as demandas do usuário (para pessoas com problemas de Álcool e outras drogas);

5. Integração social e comunitária por meio de ofertas facilitadas de trabalho, qualificação profissional e de geração de renda. (MORADIA PRIMEIRO, 2018, doc. eletr.)

A ideia é que, a partir dele, pretende-se dar autonomia para esses sujeitos, integrando outros serviços como de assistência social e saúde de acordo com a necessidade de cada perfil. O programa também pretende a (re)integração social, geração de renda e a capacitação profissional. Em junho deste ano, também fazendo parte do Plano de Superação de Rua, foi assinado um acordo de cooperação entre o Município e a Federação das Empresas de Transportes Rodoviários do Estado do Rio Grande Do Sul (Fetergs) e a Associação Rio-Grandense de Transporte Intermunicipal (RTI):

A parceria integra o Plano Municipal da Superação da Situação de Rua e possibilita o fornecimento gratuito de passagens de ônibus intermunicipais e interestaduais para as pessoas em situação de vulnerabilidade social, especialmente em situação de rua que desejam resgatar vínculos comunitários com suas famílias e retornarem às cidades de origem. O provimento das passagens depende da disponibilidade de lugares nas rotas das empresas associadas. Inicialmente a expectativa é oferecer 150 passagens/ano. (BELESKE, 2018, doc. eletr.)

Assim, o objetivo é fornecer passagens de ônibus intermunicipais e interestaduais para pessoas em vulnerabilidade social e para pessoas em situação de rua. As passagens serão oferecidas de acordo com a disponibilidade de lugares nos ônibus. Mas, quando se fala em políticas públicas para pessoas em situação de rua, questiona-se a maneira como elas são produzidas. De acordo com Costa (2005, p.7):

[...] os serviços de abrigagem, algumas vezes, deixam de ser freqüentados por parcela dessas pessoas, diante das regras neles estabelecidas em função da necessidade de organização e convivência. Sob esse ponto de vista, são muito heterogêneas as experiências existentes no país, que vão desde locais onde as regras são construídas com a participação dos usuários e dizem respeito a questões básicas, como não fazer uso de álcool e drogas no local, não portar arma e tomar banho; até experiências de instituições bastante rígidas e seletivas, que têm como objetivo implícito a mudança de comportamentos.

Dessa forma, a maneira como são desenvolvidas políticas públicas devem contar ao longo de sua construção com sujeitos que se encontram nessa condição.

Programas rígidos acabam afastando pessoas em situação de rua, que já são estigmatizadas pela própria sociedade. Se essas políticas não compreendem as reais necessidades de quem vive nas ruas, geram investimentos de verba pública sem efeito.

A última categoria identificada como recorrente nos discursos de mais de um agente foi intitulada AÇÃO, presente no discurso do Estado e das pessoas em situação de rua. No do Estado, os termos recorrentes associados a essa categoria são: *ação*, *ação policial*, *ação da Brigada Militar* e *operação policial*. E essa categoria traz versões de como a ação de remoção foi realizada. Na sequência, trechos da narrativa do Estado:

Não fomos comunicados do plano da Brigada Militar e acho que, por se tratar de uma **ação de segurança**, nem deveríamos ser avisados, porque não se trata de uma reintegração de posse em que os órgãos municipais de apoio, como a Fasc, a Saúde, o Conselho Tutelar são comunicados e participam da ação”, ponderou Harzeim. “Nesse caso, ficamos sabendo quando já tinha acontecido.” (PORTO ALEGRE TERÁ..., 2018, doc. eletr. 2018, Grifo meu)

*A ação não entra em choque com o que é proposto pelo Plano de Superação da Situação de Rua (voltado à reinserção social de pessoas que atualmente vivem nas ruas da Capital)? Foi uma **ação de segurança**, e as ações de segurança não entram em conflito com as ações sociais [Erno Harzheim]. (WEBER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)*

Em duas entrevistas distintas (dos trechos referenciados acima) o secretário da Saúde diz que não foi comunicado sobre a ação da polícia. Para Erno Harzheim a ação teve caráter de segurança. Assim, quando questionado se a ação não entra em choque com o Plano de Superação da Situação de Rua, ele afirma que ações de segurança não se confrontam com ações sociais. Houve também a posição de outros órgãos municipais sobre a ação:

A Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) informou que não participou da ação, assim como a Secretaria Municipal da Saúde (SMS). A SMS afirma que irá apurar detalhes sobre a situação das pessoas e como deverá agir a partir disso. “Fomos pegos de surpresa”, informou a assessoria da secretaria. **A Smurb (Secretaria Municipal de Urbanismo) confirmou que integrou a ação**, a partir da atuação do DMLU (Departamento Municipal de Limpeza Urbana), mas não se posicionou sobre o episódio por não ter sido responsável pela coordenação. (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Assim como a Secretaria de Saúde, a Fundação de Assistência Social (FASC) afirmou que não integrou a ação. Já a Secretaria Municipal de Urbanismo,

devido à atividade do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), afirmou ter participado da ação. Desse modo, o secretário da Saúde quando questionado sobre se havia uma ligação entre os dois eventos, respondeu:

*A prefeitura anunciou um evento de food trucks para este final de semana. Existe alguma ligação com a retirada dessas pessoas? Não sei. Acho que não. Como eu disse, foi uma **ação de segurança** da BM, cercada de sigilo, sendo que o único órgão da prefeitura acionado foi o DMLU para cumprir com suas atividades próprias [Erno Harzheim]. (WEBER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)*

O secretário, portanto, afirmou não saber da ação. Mas, segundo ele, como se tratava de uma ação sigilosa, acredita que o evento não teve uma ligação com a remoção das pessoas em situação de rua. Já para as pessoas em situação de rua, que tem em menor número os discursos presentes nos jornais se comparados ao do Estado, a ação foi realizada de maneira violenta:

*Ao lado de uma garrafa plástica e uma mochila nas costas com algumas mudas de roupa, Maurício Dias Maciel, 37 anos, reconhece que a avenida amedrontava quem transitava no local. Entretanto, ele critica a "**brutalidade**" da ação da Brigada Militar e do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) (COMO FOI O..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)*

Maurício, que pondera que a avenida intimidava quem passava por ali, afirma que a ação conjunta entre a polícia e o DMLU foi realizada com brutalidade. Enquanto Deyvid Soares, que também é representante do MNPR, também comenta sobre a ação:

Deyvid Soares, representante do Movimento Nacional de População de Rua (MNPR), diz que a ação não foi divulgada e que o movimento está apurando junto aos órgãos responsáveis para saber o que aconteceu. "Durante a tarde faremos uma ronda na cidade para conversar com as pessoas também." (PAULA, 2018, doc. eletr. Grifo meu)

Deyvid diz que não sabia da ação e que iria apurar junto a outros órgãos responsáveis para ver o que aconteceu.

A remoção desses indivíduos daquele espaço pode ser associada ao conceito denominado *gentrification*, traduzido para o português como gentrificação:

A selva urbana produzida pelo movimento cíclico do capital e sua desvalorização se tornaram, do ponto de vista do capital, novas fronteiras urbanas da lucratividade. A gentrificação é uma fronteira na qual fortunas são criadas. Do ponto de vista dos moradores da classe trabalhadora e de suas comunidades, contudo, a fronteira urbana é mais diretamente política do que econômica. Ameaçados de serem desalojados pelo avanço da fronteira da lucratividade, a questão para eles é lutar pelo estabelecimento

de uma fronteira política por trás da qual moradores da classe trabalhadora possam retomar o controle de seus lares [...] (SMITH, 2007, p.29)

Assim, a lucratividade acaba criando novas fronteiras urbanas, que passam a ser delimitadas diretamente pelo capital. Para comunidades, classes trabalhadoras ou indivíduos que se relacionam com essa fronteira, esta passa a ser, para esses sujeitos, mais política do que econômica. O que gera em uma luta para seu estabelecimento, indo contra um movimento que visa essencialmente o lucro. Portanto, o estabelecimento desses sujeitos no viaduto no Otávio Rocha passa também a ser político, vinculada diretamente à falta de políticas públicas e a tentativa por parte do Estado de “embelezar e higienizar” o centro da cidade, o que pode levar a práticas interpretadas como tentativas de higienização social.

Salienta-se que uma categoria foi identificada apenas nas falas das pessoas em situação de rua ao se referirem ao viaduto Otávio Rocha: PARA ONDE FORAM AS PESSOAS. Os termos recorrentes são: *centro de Porto Alegre cheio deles, espalhados pelo centro e não sabem para onde foram*. As falas evidenciam que as pessoas que estavam no Viaduto não tiveram encaminhamento algum, como podemos ver no trecho que exemplifica a seguir:

Ele [Emerson Pavão] conta que **as pessoas que viviam no Viaduto estão agora espalhadas por outros pontos da cidade**. Enquanto uma parte estaria debaixo da estrutura do aeromóvel, próximo à Câmara de Vereadores, outros estariam na Praça da Matriz, no Parque Marinha e na região do Parque Farroupilha, a Redenção. (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)


Portanto, a ação apenas removeu as pessoas que se encontravam no Viaduto, não dando nenhuma outra possível solução para questão. Assim, esses indivíduos passaram a se abrigar em outros espaços públicos da cidade. Surge também a dúvida, se esses sujeitos realmente eram usuários de drogas, traficantes ou assaltantes, como afirma o Estado, não deveriam ter algum tipo de encaminhamento por parte do Estado? Pois a ação apenas os removeu do Viaduto, sem qualquer outra orientação.

Em um grupo do Facebook (<Facebook.com.br>), denominado “Vizinhos do Centro Histórico - POA”, a partir de fotos do Viaduto publicadas neste grupo surgiram postagens com opiniões sobre a remoção ocorrida, como podemos ver na imagem a seguir (Figura 10):

Figura 10 - Postagem do dia 15 de agosto de 2018 e seus comentários

Higino Barros está se sentindo impressionado. 15 de agosto

Viaduto Otávio Rocha, na Borges de Medeiros, 23h45, terça-feira, 14 de agosto.



428 63 comentários

Ver comentários anteriores 4 de 63

Daniel Wolf Esquerdistas preferem ver os caras na rua, nível esquerda de coerência. 2

Clara Clarice Guarani Kaiowá Fumou um? 13 sem

Daniel Wolf Só fumando um pra entender a cabeça de um esquerdist... 13 sem

Escreva uma resposta...

Silvana M. Gonçalves Satisfação: ver um local limpo. - Insatisfação: o problema continua, só que em outros locais. E do jeito que as coisas estão, a tendência é piorar. Triste em ver que vivemos num país (sim, não é só aqui, é no país todo), onde pessoas são jogadas de um lado pra outro, como uma coisa qualquer, sem condições nenhuma de sobrevivência, por N motivos que não cabe aqui citar nem julgar. A questão dos moradores de rua é muito grave, e não somos nós que vamos resolver. O que fazemos é paliativo (mas não inútil), é dar um prato de comida, um agasalho, etc, agora nenhum de nós tem capacidade mesmo de resolver a questão, e infelizmente quem tem esse, digamos, "poder", não faz porra nenhuma! 13 sem

Adriana Jersey Tem gente que apoia o tráfico de drogas e a violência que isso gera? 13 sem

Thiago Muskito Acho que se tem gente que "apoia" só posso deduzir que sejam os vizinhos que compravam pedra e pó ali dos eventuais traficantes. 13 sem

Thiago Muskito O resto das pessoas, caso seja o que tu quis insinuar, estão somente preocupadas com a falta de tato e assistência humana do poder público que escanteia morador de rua pra outros cantos da cidade. 13 sem

Ver mais respostas

Ricardo Minelli Nada como varrer o problema pra baixo do tapete pra saciar a sede higienista da classe média... Aquelas pessoas continuam existindo e em uma situação vulnerável em outro lugar. Provavelmente próximo. 63

Sônia Maria Almeida Minha admiração pelo teu comentário Ricardo Minelli! 5

Bruno Pires Podemos colocá-los em sua residência se tu achar interessante já que a segurança estava ruim, tráfico de drogas durante o dia. É uma opção daí a gente resolve o problema Não tem como propor algo se a pessoa não quer sair da rua e se ajudar também. Uma mão tem que lavar a outra 13

Ver mais respostas

Escreva uma resposta...

Elisa Schmidt N to vendo alegria nenhuma 14

Sônia Maria Almeida Quanto menos eu! 2

Escreva uma resposta...

Aline Marmontel Isso só pode ser uma espécie de sadismo... Não é possível

Cintia Fonseca Caôé as pessoas??? 2

Vanessa Porto Alegre Foram retiradas daí pq o comandante do 9º BPM "quis". 15 sem

Liana Koslowsky Silva Espalhadas por todos os cantos da cidade... 15 sem

Ver mais respostas

Escreva uma resposta...

Lia Lopes Graças a Deus! A polícia militar limpo a área! 21

Jorge Duarte Martins Parabéns 6

Bel Plath E tem gente saudosista da Cracolândia 17

Paulo Bastilho Dos Anjos Maravilha lindo de mais 10

Andreia Bruno Trindade Parece 30 anos atrás exatamente assim 10

Bruna Brum Q medo 3

Brenda Espindula Ação higienista que não resolve o problema, pessoas estão espalhadas pela cidade.

Fonte: Facebook, 2018.


Comentários como “Satisfação: ver um local limpo - insatisfação: o problema continua, só que em outros locais” e “Nada como varrer o problema pra baixo do tapete pra saciar a sede higienista da classe média...” evidenciam a polarização do debate sobre as estratégias adotadas pelo Estado no Viaduto Otávio Rocha. E, em

outra postagem, do dia 19 de agosto (Figura 11), esta se refere a uma exposição de flores:

Figura 11 - Postagem do dia 19 de agosto e seus comentários

Paulo César Machado está em [Viaduto Otávio Rocha](#).
19 de agosto · Porto Alegre

O viaduto Otávio Rocha teve exposição de flores, food trucks e bike foods neste final de semana. 🌸 Joel Vargas #todosjuntosvamoscuidardepoa



Gilnei Copini Que piada! 🙄👍
Curtir · Responder · 12 sem

Carlos Roberto Galhard Xavier Que legal! Tomara que a população possa curtir, ocupar e usufruir para diversão e lazer os espaços públicos de POA!
Curtir · Responder · 12 sem

Marcia Rodrigues Perfeito 🙌
Curtir · Responder · 12 sem

Escreva uma resposta...

Tiago Mendes Que show, parabéns! 🙌
Curtir · Responder · 12 sem

Dani Lellis Sortica Que legal! Tomara que continue 🙌
Curtir · Responder · 12 sem

Eunice Rosa Que bom 🙌
Curtir · Responder · 12 sem

Adriana Becerra Olha só @ Ricardo E. Isabel Eich
Curtir · Responder · 12 sem

Adriana Jersey Show!... 🎵🎶
Curtir · Responder · 12 sem

Giovani Machado Cool! 🙌
Curtir · Responder · 12 sem

Neide Menezes Mais em compensação as criaturas que lá estavam agora estão parte no viaduto da Conceição, alberto bins e arredores tá um perigo andar na rua de tanto pedintes
Curtir · Responder · 12 sem

Chico Pinheyro Finalmente um lugar que ds para transitar novamente.
Curtir · Responder · 12 sem

Lea Textor Uma pintura, é o que está faltando. Espero que o prefeito coopere!
Curtir · Responder · 12 sem

Yaya Barcellos Passei ontem, ali, e vi dois food trucks e muita sujeira. A Prefeitura podia lavar aquele viaduto. Não dá mesmo vontade de sentar perto daquelas águas escorrendo. Um horror
Curtir · Responder · 12 sem

Marcia Rodrigues Mas está mais sujo que antes?
Curtir · Responder · 12 sem

Yaya Barcellos Marcia Rodrigues olha, não tem morador de rua mas, passei quase 30 anos pelo Viaduto e, do jeito que está, não dá para sentar nas mesinhas e comer. Não dá mesmo. Puxa, uma pena. Era só lavar com um belo jato d'água.
Curtir · Responder · 12 sem

Yaya Barcellos Paulo César Machado é porque do jeito que está, não convida para sentar, comer e beber algo.
Curtir · Responder · 12 sem

Marcia Rodrigues Eu frequento o panchos desde que abriu, super limpo ótimo atendimento e bem frequentado. Acredito no futuro cultural p o viaduto, flores e lanches.
Curtir · Responder · 12 sem

Yaya Barcellos Marcia Rodrigues sim, tb fui várias vezes no Pancho's. Mas eu estou falando lá do meio do Viaduto.
Curtir · Responder · 12 sem

Paulo César Machado Yaya Barcellos em breve haverá novidades para o melhoramento do local..
Curtir · Responder · 12 sem

Escreva uma resposta...

Adelia Maria Vamos prestigiar. 🙌
Curtir · Responder · 12 sem

Rafaela Waczyleski As flores caem muito bem, projeto paisagístico é vida e valoriza demais!
Curtir · Responder · 12 sem · Editado

Clara Clarice Guarani Kaiowá Expuseram os pertences que roubaram dos moradores de rua ?
Curtir · Responder · 12 sem

Na postagem do dia 15 de agosto, por Higino Barros, a fotografia demonstra o Viaduto no dia 14 de agosto vazio às 23h45 (Figura 10). Os comentários são distintos. Algumas pessoas elogiam a ação da polícia, enquanto alguns criticam afirmando ser uma ação higienista, e que não foi realmente resolvida, afirmando ainda que as pessoas em situação de rua apenas foram para outros locais da cidade. Na postagem que se refere a exposição das flores (Figura 11) também encontramos opiniões parecidas com as da primeira postagem. Há pessoas, novamente, elogiando a ação, outras questionam a remoção e, nesta, ainda surgem argumentos sobre a precariedade física do Viaduto. Essa exposição de flores, assim como a colocação dos food trucks, faz parte das ações desenvolvidas pela Prefeitura no espaço (BRASIL, 2018, doc. eletr.): “A iniciativa é uma realização da prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (SMDE)”.

Entretanto, ao procurar registros sobre o evento dos food trucks e de feiras multiculturais no Viaduto, após agosto, nada foi encontrado. Em conversas com pessoas que moram no centro histórico de Porto Alegre a informação é de que não há a continuidade dos eventos no viaduto Otávio Rocha nos finais de semana.

Colocado isso, agora podemos tratar de algumas problemáticas que envolvem o Viaduto enquanto patrimônio cultural. Ao longo desse trabalho, percebemos que as relações que são construídas no Viaduto são distintas para os três agentes. Nessa perspectiva, podemos fazer uma analogia do que acontece no viaduto Otávio Rocha com que Meneses (2012) propõe. Esse autor faz um comparativo entre uma velhinha e um turista ao visitar a catedral de Chartres, na França. Para ele, para a primeira, que tudo indica ser habitante do lugar, sua ação é territorializada: nada nela evidencia que sua ação se separe dos espaços ligados em que ela vive seu dia a dia, ela é o protótipo do *habitante*. Portanto, essa relação é de pertencimento, pois envolve identidade e memória, enquanto que para o turista, essa ação é desterritorizada - não faz parte de seu cotidiano, é despreendida de habitualidade (MENESES, 2012). Assim, as relações que ambos têm com o espaço enquanto “bem cultural” é distinta: para a velhinha, a relação é afetiva, estética, devido aos estímulos propositais da ação que ela está praticando, e cognitiva, pois ela pode não ter conhecimento especializado, mas acaba sabendo pela experiência trocada com a comunidade ao longo do tempo; enquanto, para o turista, essa

relação se limita a contemplação, restringe-se a visão, onde esse local passa a ser a representação do culto (MENESES, 2012).

Dessa forma, pode-se comparar quem convive cotidianamente com o Viaduto: tem o sentimento da velhinha. Onde há uma relação que existe sentimento de pertencimento, identidade, memória, afetividade, estica e de cognição. Enquanto, quem não vive aquele espaço no seu dia a dia, essa relação passa a ser limitada, apenas de contemplação momentânea. Isso indica que as relações das pessoas em situação de rua e dos comerciantes se aproximam com a da *velhinha*, enquanto que nos comentários dos turistas localizados no TripAdvisor e até mesmo do Estado, que não vive o espaço cotidianamente, se aproximam da visão dos *turistas*, não possuindo uma relação mais direta, principalmente afetiva. Portanto, o patrimônio é um campo político, de negociações funcionais e simbólicas.

Quando falamos de patrimônio, não podemos esquecer que o viaduto Otávio Rocha, antes de ser legitimado patrimônio, é um viaduto. E isso o coloca na categoria de patrimônio edificado. Atualmente, existe uma ampla discussão sobre o uso de bens patrimoniais edificados, como colocam Rodrigues e Camargo (2010, p.147):

Nos últimos anos, o interesse pelo patrimônio edificado tem aumentado consideravelmente, não só pela maior consciência do seu valor histórico, mas também por razões outras como o aumento demográfico, a saturação territorial, a complexidade urbana que acarreta diversos problemas político-econômicos vinculados, por exemplo, à especulação imobiliária e à exploração do turismo. Assim, o uso do patrimônio edificado existente como fonte cultural, social e econômica tornou-se uma questão de grande interesse, que extrapola a questão meramente preservacionista.

Assim, há um aumento pelo interesse acerca do patrimônio edificado, motivado pela ampliação da consciência do seu valor histórico e também por uma saturação territorial urbana, que acaba causando problemas vinculados a exploração imobiliária e do turismo. Isso faz do uso do patrimônio edificado como uma fonte não só cultural e social, mas também econômica. O viaduto Otávio Rocha, que é um patrimônio edificado em uso, sofre, então, especulação, não só a partir da proposta da colocação dos food trucks por parte do Estado, mas por ele mesmo abrigar diversas lojas comerciais. Assim, muitas vezes, a frequência do Viaduto é devido ao comércio existente ali.

Além disso, o Viaduto fica no centro histórico da cidade, onde milhares de pessoas passam diariamente e onde se localiza a maior parte do comércio da

cidade. Então, num espaço totalmente capitalizado, como desvincular esse bem patrimonial edificado que se encontra num local que se opõe a todo o tempo a isso?

Mas, ao tempo, mesmo o Viaduto sendo legitimado como patrimônio, questiona-se acerca do acesso à cultura: quem se relaciona com o Viaduto o compreende enquanto patrimônio? (questão que vale também para outros bens patrimoniais de modo geral). E quem tem a responsabilidade de fazer a população ter acesso? Para Lacerda (2010), alguns autores entendem a função do Estado como mediador no processo de gestão democrática da cultura, onde o mesmo deve garantir o acesso a fruição e a produção de expressões e manifestações culturais de forma igualitária. No entanto, segundo ele, a expansão do conceito de cultura dificulta a ação do Estado:

Porém, o alargamento do conceito de cultura traz para a competência das políticas de cultura uma diversidade de assuntos que põe em risco a operacionalização dessas políticas, por abarcar um complexo grupo de demandas que extrapolam o círculo de atuação dos setores responsáveis pela gestão da cultura no âmbito governamental. [...] Assim, estabelecer a democracia cultural numa sociedade contemporânea consiste em proporcionar condições que tornem possível o acesso, fruição, produção e distribuição da cultura por todos os cidadãos [...]. (LACERDA, 2010, p.8)

Dessa forma, para que se possa estabelecer uma democracia cultural na atualidade, precisa-se possibilitar condições que permitam esse acesso, produção, fruição e distribuição da cultura a todos os cidadãos. E para que isso se torne possível, é necessário que as distintas esferas do Estado ajam efetivamente na criação de políticas públicas que rompam com barreiras sociais, econômicas e simbólicas (BOTELHO, 2001).

Como que o Estado deveria agir sobre o viaduto Otávio Rocha, que é um local dinâmico, onde as relações são múltiplas? Segundo Canedo (2006, p.1) esse papel é do Estado, que deve: “promover a superação de exclusões e desajustes e da distância entre os ‘culturalmente integrados’ e os ‘excluídos’”. O Estado deve oferecer a todos o acesso à produção cultural”. Assim essa democratização da cultura deve estimular a superação dos casos de exclusões, promovendo a igualdade entre todos. No entanto, é questionável se o Estado, que carece de tantas políticas públicas também em outras áreas e que não compreende a importância do acesso à cultura, realmente está preocupado em criar estratégias a fim de alcançar a democratização da cultura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de urbanização no centro da cidade de Porto Alegre foi impulsionado pelo crescimento da população. Assim, a expansão da cidade para além do centro foi necessária. E foi a abertura da avenida Borges de Medeiros que possibilitou o acesso aos novos bairros que nasciam e também permitiu a construção do viaduto Otávio Rocha. Do início da sua construção até a atualidade, o Viaduto tem recorrências interessantes em sua história. A motivação para a abertura da avenida (atual avenida Borges de Medeiros) naquele espaço foi porque, antes do início do processo de urbanização, o local não era bem visto pela elite local da época. O espaço era um beco - mencionado como um local de crimes e prostituição. Anos mais tarde, já na década de 1990, foram retirados do Viaduto os vendedores ambulantes (camelôs). Em 2016, houve a remoção de pessoas em situação de rua do Viaduto, e em 2018 a história se repetiu. Removeram novamente as pessoas de situação de rua. Dessa forma, mesmo antes de construído, e após a construção do Viaduto, naquele local sempre houve a tentativa de uma higienização social. E sempre quem é removido daquele espaço é grupo social com menos condições econômicas e a ação, da mesma forma, é impulsionada pelo governo.

Enquanto patrimônio da cidade de Porto Alegre, o espaço é apropriado de diversas maneiras por distintos grupos: foi palco de desfiles de 7 de setembro, é e foi um local de manifestações políticas; foi, e ainda é, um lugar de exposições em sua estrutura; é um local de comércio e de lazer para muitos; e serve ainda de abrigo para pessoas em situação de rua. Ficou perceptível, a partir das opiniões em uma perspectiva turística do TripAdvisor (<TripAdvisor.com>), que o Viaduto é visto como parte da história da cidade, como um bem que possui uma arquitetura relevante que é, ao mesmo tempo, observado contemporaneamente de forma negativa, como um lugar descuidado, abandonado, que passa por distintos problemas de ordem pública. Já os jornais locais, constroem imaginários fundados nas experiências contemporâneas. Eles mencionam o Viaduto como um local abandonado, que necessita de restauro, de ocupação (com food trucks e feiras multiculturais) e revitalizado. É enfatizado sempre a presença de tráfico, uso de drogas e assaltos - uma “cracolândia”. Assim, percebeu-se que ambos os discursos são bastante parecidos, onde talvez essas afirmações frequentes acerca do Viaduto reforcem o discurso da população. Mas, mesmo havendo ambiguidade no discurso,

na maioria das vezes há uma valoração do Viaduto enquanto patrimônio, mas não que ele seja apropriado pela população nesta mesma condição.

Já em relação ao evento de agosto de 2018, foi evidenciada a ação a partir dos jornais locais e os discursos dos três agentes - comerciantes, Estado e pessoas em situação de rua. Cada um desses agentes apresentou argumentos sobre as estratégias de políticas públicas que fundamentaram essa ação. Também, a partir de postagens no grupo do Facebook (<facebook.com.br>) “Vizinhos do Centro Histórico - POA” foi possível perceber as distintas opiniões sobre essa ação.

A partir das evidências constatou-se que as relações que são estabelecidas no viaduto Otávio Rocha são múltiplas, mas que não necessariamente elas estejam relacionadas ao Viaduto enquanto patrimônio da cidade de Porto Alegre. Em relação às possíveis políticas públicas, uma possível “solução” apresentada por parte do Estado para pessoas em situação de rua é o Plano de Superação de Rua. Esse Plano, inspirado em modelos internacionais, prevê ações que possibilitam acesso à moradia, estímulo a autonomia, tratamento individualizado de saúde e assistência social, e integração social e comunitária, além de qualificação profissional, oferta de trabalho e fornecimento de passagens de ônibus intermunicipais e interestaduais para pessoas em vulnerabilidade social e para pessoas em situação de rua. Esse mesmo plano ainda prevê como uma solução para pessoas em situação de rua a ocupação do Viaduto com eventos de food trucks e feiras multiculturais - o que não parece fazer sentido, pois a ação em si não beneficia a pessoa em situação de rua. Além disso, esses eventos e ocupação são para “ocupar espaços públicos e melhorar a relação com os porto-alegrenses”, mas as pessoas em situação de rua são consideradas nesse processo?

Já as políticas públicas em prol do patrimônio devem ser estabelecidas de maneira que se alcancem uma democracia cultural - um movimento que promove o acesso à cultura de maneira igualitária para todos -, onde quem tem o dever de mediar essas políticas é o Estado. Quando se trata do viaduto Otávio Rocha, essas políticas já não deveriam ser pensadas juntas ao Plano de Superação de Rua? Será que o Estado, entre suas diversas esferas, está preocupado com o patrimônio da própria cidade?

O Viaduto por ser um patrimônio edificado em uso constante tem suas particularidades. Mas ao mesmo tempo, aumenta sua complexidade quando ele mesmo abriga - o que já foi idealizado em sua construção - lojas que recebem o

comercio. Isso se opõe à ideia de que o patrimônio está dissociado de intenções econômicas - o que causa a especulação imobiliária e exploração do turismo. Portanto, disso surgem algumas dúvidas: Como lidar com um bem patrimonial edificado onde desde de sua criação foi pensado para abrigar um comércio? E como, em um mundo totalmente capitalizado e globalizado, dissociar o patrimônio edificado da especulação imobiliária e da exploração do turismo?

Essas são perguntas ainda sem respostas. Em poucos anos, 2032, o Viaduto será centenário. Muitas histórias alegres e de dor passam dia a dia pela edificação e, conseqüentemente, diferentes valores são agregados à materialidade. O viaduto Otávio Rocha é um local corriqueiro, do cotidiano porto-alegrense, passamos por lá inúmeras vezes e nem nos damos conta. Mas as minúcias compõem a nossa história e os laços de afetividade e identidade. Deseja-se que o Viaduto seja reconhecido enquanto bem cultural e usufruído, impreterivelmente, por todas as pessoas, pois são essas relações que dão sentido às coisas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Deivid de; SALVADORI, Lizandra Vaz. Pessoas em situação de rua, exclusão social e rualização: reflexões para o serviço social. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICAS SOCIAIS, 1., 2015, Florianópolis. **Anais...** . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. p.1-8. Disponível em: <http://seminarioservicosocial2017.ufsc.br/files/2017/05/Eixo_3_188.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2018.

BRASIL, Andrea. Food Trucks e exposição de flores atraem visitantes ao viaduto Otávio Rocha. **Prefeitura Municipal de Porto Alegre**, 19 out. 2018. Disponível em: <<https://alfa.portoalegre.rs.gov.br/smdc/noticias/food-trucks-e-exposicao-de-flores-atraem-visitantes-ao-viaduto-otavio-rocha>> Acesso em: 25 out. 2018.

BELESKE, Eduardo. **Prefeito Assina para Plano de Superação de Rua. Prefeitura Municipal de Porto Alegre**, Porto Alegre, 19 jun. 2018. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/default.php?p_noticia=999196949&S> Acesso em: 29 out. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão: A influência do jornalismo & Os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOTELHO, Isaura. DIMENSÕES DA CULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS. **São Paulo em Perspectiva**, [s.l.], v.15, n.2, p.73-83, 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-88392001000200011>> Acesso em: 10 out. 2018

CANEDO, Daniele. Democratização da Cultura. In: Maria Cândido Almeida. (Org.). **Mais definições em trânsito**. Salvador: EDUFBA, 2006. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/DEMOCRATIZACAODACULTURA.pdf>> Acesso em: 15 out. 2018.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto - Enfermagem**, [s.l.], v.15, n.4, p.679-684, dez. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-07072006000400017>> Acesso em 10 out. 2018.

CHAGAS, Mário de Souza. MEMÓRIA E PODER: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia** v.19, nº 19. Lisboa, 2002.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. **O Patrimônio em Questão: antologia para um combate.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

CHUVA, Márcia. Para descolonizar museus e patrimônios: refletindo sobre a preservação cultural no Brasil. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. **90 anos do Museu Histórico Nacional: em debate 1922-2012.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014. p. 195-208.

COMO FOI O primeiro fim semana do Viaduto da Borges com food trucks e sem moradores de rua. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 5 ago. 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clic.rbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/08/como-foi-o-primeiro-fim-de-semana-do-viaduto-da-borges-com-food-trucks-e-sem-moradores-de-rua-cjghi0ttp00u001pilq9fg2bj.html>> Acesso em: 30 out. 2018.

COSTA, Ana Paula Motta. População em situação de rua: contextualização e caracterização. **Revista Virtual Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p.1-15, dez. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/993/773>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

DAMÁSIO, Cláudia. **Porto Alegre na década de 30, Uma Cidade Idealizada e Uma Cidade Real.** 1996. 169f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1996.

FIORE, Renato Holmer; MACHADO, Nara Helena Naumann (Org.). **Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre.** In: FIORE, Renato Holmer. Elementos da modernização urbana e arquitetônica no centro de Porto Alegre na 1ª metade do século XX. Porto Alegre: Marcavisual, 2016. p. 99-119.

FLICKR. Porto Alegre, Plano geral de melhoramentos 1914. **Fotos Antigas de Porto Alegre**, 2013. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11019778443/in/photostream/>> Acesso em: 5 set. 2018.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico.** Porto Alegre: UFRGS, 1992.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios.** Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2007. 256 p.

_____. **A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

LACERDA, Alice Pires de. Democratização da cultura x democracia cultural: os Pontos de Cultura enquanto política cultural de formação de público. In: **Seminário Internacional Políticas Culturais: teoria e práxis**, Rio de Janeiro, v. 1. p.1-13, 2010. Disponível em: <<http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2010/09/02-ALICE-PIRES-DE-LACERDA.1.pdf>> Acesso em: 23 out. 2018.

LINDENMAYER, Marcos (Org.). **Álbum de Porto Alegre: 1860-1930**. Porto Alegre: Nova Roma, 2007.

LOPES, Ricardo Cortez. **Reproduções sob condições controladas: o ateísmo como um movimento social nas Representações Sociais dos materiais de divulgação do Templo Positivista de Porto Alegre**. 2013. 62 f. Trabalho de conclusão de curso - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/90189/000911258.pdf?sequence=1>> Acesso em: 20 ago. 2018.

MELO, Itamar. Projeto de restauração do Viaduto Otávio Rocha não é consenso na prefeitura. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 23 ago. de 2014. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2014/08/Projeto-de-restauracao-do-Viaduto-Otavio-Rocha-nao-e-consenso-na-prefeitura-4582004.html>> Acesso em: 12 out. 2018.

MENESES, U. B. D. O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. In: IPHAN. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**, Ouro Preto/MG, 2009. Anais, vol. 2, tomo 1. Brasília: IPHAN, 2012.

MONTEIRO, Charles. **Breve História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2012. 120p.

_____. **Porto Alegre: urbanização e modernização: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: Edipucrs, 1995. 153p.

MORADIA PRIMEIRO. **Prefeitura Municipal de Porto Alegre**, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?p_noticia=999196120&PREFEITURA+APRESENTA+PLANO+DE+SUPERACAO+D+A+SITUACAO+DE+RUA> Acesso em: 5 nov. 2018.

MORAES, Carmen. Prefeitura apresenta Plano de Superação da Situação de Rua. **Prefeitura de Porto Alegre**, Porto Alegre, 3 mai. 2018. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?p_noticia=999196120&PREFEIT>

URA+APRESENTA+PLANO+DE+SUPERACAO+DA+SITUACAO+DE+RUA>
Acesso em 5 nov. 2018.

MORAES, George Augusto Moraes de. **A contribuição de Manoel Itaquí para a arquitetura gaúcha**. 2003. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura/ Propar, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4770/000459792.pdf?sequence=>>> Acesso em: 15 maio 2018.

MULLER, Ananda. Após retirada de moradores de rua, food trucks são instalados no viaduto Otávio Rocha. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 4 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2018/8/657851/Apos-retirada-de-moradores-de-rua,-food-trucks-sao-instalados-no-viaduto-Otavio-Rocha>> Acesso em: 30 out. 2018

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Patrimônio como política cultural. In:_____. **Cultura é Patrimônio**. Rio de Janeiro: Fgv, 2008. p.113-135.

PAULA, Gabrielle de. Viaduto Otávio Rocha em Porto Alegre fica sem barracas e moradores de rua após ações policiais. **G1**. Porto Alegre, 2 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/08/02/viaduto-otavio-rocha-em-porto-alegre-fica-sem-barracas-e-moradores-de-rua-apos-acoes-policiais.ghtml>> Acesso em: 29 out. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. 1924-1945 / Renovação: A busca de uma modernidade urbana. In: _____. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1991. p.70-112.

_____. Mudanças Epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: _____. **HISTORIA & HISTORIA CULTURAL**. [s.l.]: Autêntica, 2003. p.39-62.

PORTO ALEGRE, Intendência Municipal. **Avenida Borges de Medeiros**: Obras do viaducto e rampas de acesso, contracto com o engenheiro Manoel Itaquy. 31 de dezembro de 1928. 5p.

PORTO ALEGRE TERÁ food trucks no Viaduto três dias após ação da Brigada Militar. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Politica/2018/8/657731/Porto-Alegre-tera-food-trucks-no-viaduto-tres-dias-apos-acao-da-Brigada-Militar>> Acesso em: 31 out. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Lei nº 10.541, de 19 de setembro de 2008. **Denomina Passeio das Quatro Estações O Espaço Público Superior do Viaduto Otávio Rocha e Dá Outras Providências**. Porto Alegre, RS, 2008. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/dopa/usu_doc/23setembro08.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

_____. Fundação de Assistência Social e Cidadania. **Plano Municipal de Assistência Social de Porto Alegre 2018 - 2021**. Porto Alegre, 2018. 114p. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/plano_municipal_de_assistencia_social_2018_a_2021.pdf> Acesso em: 2 out. 2018.

RODRIGUES, Angela Rösch; CAMARGO, Mônica Junqueira de. O uso na preservação arquitetônica do patrimônio industrial da cidade de São Paulo. **Revista Cpc**, [s.l.], n.10, p.140-165, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i10p140-165>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

RODRIGUES, Tagôre Vieira. **Instrução de Tombamento (Histórico) Viaducto Otávio Rocha**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria da Cultura, Coordenação da Memória, [s.a.], 46p.

SANDER, Isabella. Moradores de rua falam sobre desocupação. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 07 ago. 2018. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/geral/2018/08/642447-moradores-de-rua-falam-sobre-desocupacao.html> Acesso em: 1 nov. 2018.

SANTOS, Guilherme; FLECK, Giovanna; CANOFRE, Fernanda. “Não deixaram levar nenhum pertence diz homem em situação de rua sobre ação da BM no Viaduto Otávio Rocha. **Sul21**, Porto Alegre, 2 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2018/08/nao-deixaram-levar-nenhum-pertence-diz-homem-em-situacao-de-rua-sobre-acao-da-bm-no-viaduto-da-borges/>> Acesso em: 30 ago. 2018.

SCARTON, Suzy. Com limpeza do viaduto da Borges área será ocupada por food trucks. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 2 ago. 2018. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/geral/2018/08/641747-com-limpeza-do-viaduto-da-borges-area-sera-ocupada-por-food-trucks.html> Acesso em: 1 nov. 2018.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT; Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**.

Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SMITH, Neil. GENTRIFICAÇÃO, A FRONTEIRA E A REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO. **Geosp**: Espaço e Tempo (Online), [s.l.], n. 21, p.15-31, 30 ago. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2007.74046>>. Acesso em 4 nov. 2018.

SOUZA, Célia F. Entre o saber e o poder: a implantação do urbanismo e as especificidades locais no início do século XX, em Porto Alegre. In: SILVA, Gilcélia do Amaral e; OLIVEIRA, Lisete Assen de (org.) **Simpósio A arquitetura da cidade nas Américas. Diálogos contemporâneos entre o local e o global**. Florianópolis: PGAU-Cidade/ UFSC, 2006.

_____. **Plano geral de melhoramentos de Porto Alegre**: o plano que orientou a modernização da cidade. 2. ed. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010. 258p.

TRIPADVISOR. **Viaduto Otávio Rocha (Porto Alegre)**, 2018. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303546-d10239626-Reviews-Viaduto_Otavio_Rocha-Porto_Alegre_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html> Acesso em: 20 set. 2018.

VARGAS, Bruna. Brigada Militar pretende estender ações no centro de Porto Alegre. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 4 ago. 2018b. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/08/brigada-militar-pretende-estender-acoes-no-centro-de-porto-alegre-cjknvzy100oq01muwr2fhux.html>> Acesso em: 31 out. 2018.

_____. Sem conhecimento da Prefeitura ação da BM retira pertences de moradores de rua do viaduto Otávio Rocha. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 2 ago. 2018a. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/08/sem-conhecimento-da-prefeitura-acao-da-bm-retira-pertences-de-moradores-de-rua-do-viaduto-otavio-rocha-cjkcrc22d001801muze14hs37.html>> Acesso em: 31 out. 2018.

_____. Prefeitura preve até 1,5 mil moradias para tirar pessoas das ruas em Porto Alegre. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre 3 mai. 2018c. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/05/prefeitura-preve-ate-15-mil-moradias-para-tirar-pessoas-das-ruas-em-porto-alegre-cjgqoqrp2024201pam4ntoniv.html>> Acesso em 2 nov. 2018.

VIADUTO Otávio Rocha ganha área para gastronomia neste fim de semana em Porto Alegre. **G1**, Porto Alegre, 4 ago. 2018. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/08/04/viaduto-otavio-rocha-ganha-area-para-gastronomia-itinerante-neste-fim-de-semana-em-porto-alegre.ghtml>> Acesso em: 31 out. 2018

VILANI, Tadeu. Saída de moradores de rua do viaduto Otávio Rocha foi negociada afirma vice prefeitura. **Gaúcha ZH, Porto Alegre**, 12 dez. 2016 Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/12/saida-de-moradores-de-rua-do-viaduto-otavio-rocha-foi-negociada-afirma-vice-prefeitura-8708864.html>> Acesso em 31 out. 2018.

XAVIER, Mauren. Visual do Viaduto Otávio Rocha muda após ação da Brigada Militar. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Policia/2018/8/657683/Visual-do-viaduto-Otavio-Rocha-muda-apos-acao-da-Brigada-Militar>> Acesso em: 31 out. 2018.

WEBER, Jéssica Rebeca. Secretário da Saúde diz que ação da BM no Viaduto Otávio Rocha não conflita com projeto para moradores de rua. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 2 ago. 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/08/secretario-da-saude-diz-que-acao-da-bm-no-viaduto-otavio-rocha-nao-conflita-com-projeto-para-moradores-de-rua-cjkd3jgri007p01pi1p4bvaav.html>> Acesso em: 31 out. 201

APÊNDICE A. Quadro com comentários do TripAdvisor de 2017 a 2018

NOME DO USUÁRIO	DATA DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO COMENTÁRIO	COMENTÁRIO
guilherme98	25/01/2017	Cuidado extremo	“Este viaduto é uma obra de arte lindíssima , na copa de 2014, era ponto de encontro de partida para o Stadium do Internacional, atualmente está degradado com muitos moradores de rua abrigados embaixo dele , as administrações municipais, volta e meia tentam tira-los do lugar, entretanto eles voltam, o mau cheiro é insuportável , durante o dia muitos ambulantes vendem suas mercadorias aos gritos, qualquer visitante descuidado, certamente terá problemas com sua segurança .” (grifo meu)
Marcos K	31/01/2017	Bonito, mas	“O viaduto Otávio rocha já deve ter tido grandes dias, infelizmente hoje em dia é um lugar de abrigo de mendigos e pichadores .” (grifo meu)
Kelly Samara S	01/02/2017	Caminhando	“Conheci o local, porque fui visitar o Palácio do Piratini... e como tinha que esperar o horário resolvemos fazer uma caminhada... e achei esse lugar um charme... ” (grifo meu)
Paula_Cassandra	13/02/2017	Bela vista da cidade	“O local oferece uma vista panorâmica do centro de Porto Alegre e bares tradicionais em suas escadarias. Infelizmente a sua manutenção não é das melhores e, por isso, precisa de reparos , principalmente na passagem debaixo. Mesmo assim, merece ser visitado.” (grifo meu)
roselee2016	13/02/2017	Bom	“Possui uma bela arquitetura , porém, necessita de cuidados , especialmente com relação à limpeza e segurança local .” (grifo meu)
roni955	22/02/2017	Tirar foto	“Localizado no coração da capital, é um bom lugar para fazer uma Self ou tirar fotos com amigos e familiares”
BecsFonseca	18/03/2017	Todo cuidado é pouco.	“ Passar por baixo do viaduto a pé é a última opção que se deve ter . O local fedea, está cheio de mendigos e é muito perigoso . Não se deve nem cogitar passar por ali à noite. Não há problema passar por cima, atravessando a Duque, o ruim é mesmo por baixo.” (grifo meu)
heckmann17183	21/05/2017	Moradia de sem teto	“A bela arquitetura do Viaduto Otávio Rocha está maltratada pelas pichações e mendigos que estão morando debaixo de seus arcos. É constrangedor passar pelo local . O local de lancherias, lojas de vestuário, sebo, fitoterapia e banheiros públicos” (grifo meu)

NOME DO USUÁRIO	DATA DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO COMENTÁRIO	COMENTÁRIO
Bruno C	30/05/2017	Só pra conhecer!!!	“ Faz parte da história da cidade e da arquitetura , atualmente está mal conservado , tem cheiro ruim nos acessos, pichações , bom pra conhecer e tal vez tirar uma self pra guardar como lembrança”. (grifo meu)
Lucas F	13/06/2017	Parte da historia	“Esse viaduto historico faz parte da historia de Poa , localizado na Borges de Medeiros. A construção e estilo tornam o viaduto unico e marcante , porem é morada de diversos mendigos e tambem é muito perigoso , até na luz do dia.” (grifo meu)
Fábio M	15/07/2017	Realidade triste	“O viaduto construído para ligar duas partes da cidade devia estar fervilhando de pessoas, uma atmosfera viva de locais, turistas, comércio e residências, mas pelo abandono da esfera pública tem mesmo um ambiente sombrio com as pichações , os barracos improvisados dos indivíduos em situação de rua e o cheiro forte de urina e fezes . O retrato de uma cidade que apodrece diante do descaso das autoridades. Vale a visita até para a reflexão.” (grifo meu)
AnaZ650	07/08/2017	Passando rápido	“Um dos locais mais simbólicos do centro da cidade , mas que atualmente é um albergue a céu aberto de moradores de rua , um total descaso com a cidade e principalmente com os moradores da região, que muitas vezes tem seu acesso indisponibilizado pelo tanto de tranqueira acumulada na calçada. Passa rápido para tentar evitar um assalto (a qualquer hora) e com a respiração trancada .” (grifo meu)
luiz fernando P	20/09/2017	Imundo	“ Virou ‘casa’ para viciados . Impossível de passar por baixo do viaduto pois foi tomado pelos drogados. Fedorento . Evite chegar perto pois o risco é de vida .” (grifo meu)
Manoel339	20/08/2017	Previna-se!!	“O viaduto é muito bonito, com sua imponente estrutura de concreto armado e as esculturas de Alfred Adolf . Mas é bom se prevenir : apesar dos heróicos lojista que insistem em manter seus negócios por ali, as calçadas estão tomadas por sem teto e você vai precisar de uma máscara contra gases para caminhar por ali . Passe de carro, devagarzinho e aprecie a beleza do viaduto. Uma pena!” (grifo meu)
Mario Sergio G	21/08/2017	Símbolo da cidade	“O Viaduto Otávio Rocha é um verdadeiro símbolo da cidade de Porto Alegre , uma pena que quando eu fui estava muito sujo e com forte cheiro de urina . Fiquei muito triste, pois já conhecia de várias filmes que foram rodados na cidade e sempre tive a curiosidade de conhecê-lo.” (grifo meu)

NOME DO USUÁRIO	DATA DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DO COMENTÁRIO	COMENTÁRIO
FragaBTh	12/10/2017	Desperdício	“Lugar absolutamente lindo do ponto de visto arquitetônico, fez parte da história de Porto Alegre. Porém foi tomado por mendigos, urina e sujeira. Se tornou um lugar perigoso. ” (grifo meu)
Eduardo P	03/01/2018	Obra bonita transformada em favela	“O viaduto é uma obra arquitetônica única, construído na década de 30 seus traços são espetaculares. Porém aos poucos está sendo tomado por mendigos e catadores de lixo, parece um lixão com tanta porcaria nos cantos da calçada e o cheiro de mijó é insuportável, além de estar com pichações por toda parte. ” (grifo meu)
Cheyenne Y	15/02/18	Bonito, porém, com muitos moradores de rua	“ a arquitetura em si é muito bonita, tem um teatro e barzinhos para happy hour, porém vive cheio de moradores de rua o que causa um mau cheiro e medo em andar por ali, fiquei no hotel ao lado e de madrugada havia barulho por conta de briga entre os mendigos. ” (grifo meu)
Helio9	18/02/2018	Um marco no urbanismo da cidade	“Este viaduto é um marco no urbanismo de Porto Alegre. Fica na importante avenida Borges de Medeiros. Local de muito movimento, com intenso fluxo de veículos e pedestres e grande área comercial no entorno. Infelizmente o viaduto está tomado por moradores de rua e muito lixo... ” (grifo meu)
Derli_Beck	24/02/2018	Cracolândia de Porto Alegre	“infelizmente abandonado há anos pelo poder público incompetente, virou numa cracolândia imunda e fedorenta. Evite. ” (grifo meu)
Tamarazambiasi	01/04/2018	Uma pena, sujo e perigoso	“ Um tipo de construção como poucas no mundo, sem exagero, é mesmo. Pena que está absolutamente abandonado pela prefeitura. O local virou uma Cracolândia, tomado de moradores de rua, cheiro de xixi insuportável. Tome cuidado ao passar ” (grifo meu)
heckmann17183	16/04/2018	Melhor visitar por cima	“Esta bela obra de arquitetura foi construída para cortar o morro e facilitar o transito para o centro da cidade, mas está sujo, deteriorado e virou moradia de miseráveis. Para melhorar apreciar sua arquitetura recomendo caminhar pela parte superiores” (grifo meu)
Norton G.	05/05/2018	Vergonhoso	“O que deveria ser um cartão postal de Porto Alegre, transformou-se em ‘moradia’ para dezenas de desocupados da cidade, que para lá carregam o que podem, principalmente lonas, barracas, colchões, caixotes de madeira, cadeiras e até fogões e sofás velhos. E tudo isto no centrão de Porto Alegre. Onde estão as autoridades que nada enxergam?” (grifo meu)

APÊNDICE B. Trechos que fazem referência ao viaduto Otávio Rocha de 2017 a 2018

JORNAL	DATA	TRECHO DA NOTÍCIA
Jornal do Comércio	09/07/2017	“Há anos, é visível aos olhos dos porto-alegrenses a falta de manutenção do Viaduto Otávio Rocha , na avenida Borges de Medeiros, no Centro de Porto Alegre.” (grifo meu)
G1	09/12/2017	“Idealizadores apostam em ocupar o local para revitalizá-lo . Projeto de restauro do Viaduto Otávio Rocha está em análise, ainda sem previsão de início.” (grifo meu)
Sul21	09/12/2017	“Mas, se em 2015 a celebração tinha início com a apresentação de um projeto de restauração do viaduto, dois anos depois o cenário é de abandono .” (grifo meu)
G1	26/12/2017	“A presença do tráfico de drogas implica na restrição do trabalho da Fasc devido a intimidações, conta Patrícia.” (grifo meu)
Sul21	05/01/2018	“A gente vai deixando um, vão chegando dois, vão chegando três e chega numa situação que é praticamente incontrolável a degradação urbana e social que vive o viaduto Otávio Rocha ”, diz [o presidente da Câmara Municipal].” (grifo meu)
Correio do Povo	20/03/2018	“Apesar de se tratar de um problema social, o cenário também provoca incômodo e reclamações de moradores da região e por quem passa pelo entorno . A ocupação irregular resulta na presença de lixo o e cheiro de fezes e urina . Em alguns casos, há quem tenha sensação de insegurança .” (grifo meu)
Sul21	05/01/2018	“Liderados pelo recém-empossado presidente da Câmara Municipal, Valter Nagelstein (PMDB), um grupo de vereadores visitou na manhã desta sexta-feira (5) o viaduto Otávio Rocha , mais conhecido como viaduto da Borges, no Centro da Capital. A ocupação do local por moradores em situação de rua é uma pauta que vem sendo bastante discutida na cidade nas últimas semanas , com o prefeito Nelson Marchezan Júnior (PSDB) prometendo para algum momento deste ano apresentar uma “solução estruturante” para a questão.” (grifo meu)
ZH	03/05/2018	“ Local emblemático da cidade , onde, nos últimos anos, episódios envolvendo pessoas em situação de rua se acentuaram — o número de pessoas dormindo no local aumentou, e o tráfico de drogas passou a se valer do espaço —, o Viaduto Otávio Rocha está entre os locais a serem abordados pela prefeitura. Não há, no entanto, previsão de como e quando devem ocorrer ações no local. — Sabemos que é um lugar simbólico , que tem especificidades, e vamos enfrentar no momento adequado. Mas é importante que as pessoas entendam que o problema é mais amplo do que o Viaduto Otávio Rocha — disse o prefeito Nelson Marchezan.” (grifo meu)
G1	02/08/2018	“ Apenas usuários e traficantes de drogas estariam usando a cobertura do viaduto, e deixaram o local.” “Estava se criando uma cracolândia no Centro, então há mais de um mês reforçamos ações de policiamento. Com as abordagens diárias, os traficantes não ficam”, explica [tenente-coronel Rodrigo Mohr, do 9º Batalhão de Polícia Militar] (grifo meu)

JORNAL	DATA	TRECHO DA NOTÍCIA
Correio do Povo	02/08/2018	<p>“Não podíamos deixar se criar uma cracolândia no centro de Porto Alegre. Ali não havia mais moradores de rua, mas ladrões, traficantes e usuários de drogas”, afirmou ele [tenente-coronel Rodrigo Mohr, do 9º Batalhão de Polícia Militar].”</p> <p>“De acordo com o comandante, esses materiais, como madeiras e papelão, não seriam para formar abrigo aos moradores de rua, mas sim para o consumo e comercialização de drogas. Além disso, ele comentou que estava ocorrendo um aumento no número de casos de assalto a pedestres no local.” (grifo meu)</p>

Fonte: Compilado pela autora, 2018.

APÊNCIDE C. Conteúdo dos Jornais com a perspectiva dos comerciantes da Associação Representativa e Cultural dos Comerciantes do Viaduto Otávio Rocha

AGENTE: COMERCIANTES (Associação Representativa e Cultural dos Comerciantes do Viaduto Otávio Rocha)		
CATEGORIA DE ANÁLISE	TERMOS ASSOCIADOS	TRECHOS DOS JORNAIS
VIADUTO OTÁVIO ROCHA	Situação/ situação crítica/ situação de abandono	<p>“O presidente da Associação Representativa e Cultural dos Comerciantes do Viaduto Otávio Rocha (ARCCOV), Adacir Flores, afirma que a situação estava crítica nos últimos meses [...]” (PAULA, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“O presidente da Associação Representativa e Cultural dos Comerciantes do Viaduto Otávio Rocha (ARCCOV), Adacir Flores, reconhece que a situação de abandono estava insustentável [...]” (XAVIER, 2018, doc. eletr.. Grifo meu)</p> <p>“Para Adacir Flores, presidente da Associação Representativa e Cultural dos Comerciantes do Viaduto Otávio Rocha (Arccov), os comerciantes e moradores da região ‘são tão reféns’ da situação a que chegou o local nos últimos anos quanto as pessoas que viviam debaixo da estrutura.” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p>
OCUPAÇÃO DO VIADUTO	Revitalização/ feira multicultural/ ocupação do espaço	<p>“Segundo Adacir, os moradores e comerciantes da região tentam a revitalização do local há bastante tempo com a instalação de uma feira multicultural no espaço [...]” (PAULA, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Para ele [Adacir Flores], são fundamentais ações de revitalização e de ocupação do espaço, citando como os projetos de feiras multiculturais e outras iniciativas.” (XAVIER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“A associação, segundo ele [Adacir Flores], tentou apresentar um projeto ao atual governo municipal para realização de uma Feira Multicultural a ser realizada semanalmente sob os arcos do Viaduto. Flores diz que chegaram a levantar o assunto em uma reunião do Orçamento Participativo do ano passado. Sem resposta da prefeitura, este ano, decidiram nem participar do OP por estarem ‘cansados’.” SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p>
PRESERVAÇÃO	Valor histórico/ construção única/ restauro/ preservação/ envolvimento das pessoas	<p>“‘Precisamos devolver esse espaço à população’, comentou ele [Adacir Flores], recordando o valor histórico do Otávio Rocha para a cidade, sendo uma construção única.” (XAVIER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Flores lembrou do projeto para a restauração do</p>

		<p>Viaduto que chegou a ser iniciado no governo de José Fortunati (na época no PDT), mas nunca teve prazos estabelecidos para seguir. Segundo ele, outros projetos que tentaram a restauração sempre levavam em conta apenas a reforma física da construção, sem prestar atenção no envolvimento das pessoas.” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Só o material não tem como existir, por isso que a gente fala em restauração e humanização, porque tem que ter um envolvimento da comunidade. Todo mundo precisa que o Viaduto se desenvolva com segurança e harmonia, temos que devolver essa obra para a sociedade como um todo’, defende ele [Adacir Flores].” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p>
<p>TRÁFICO E INSEGURANÇA</p>	<p>Insegurança/ tráfico/ segurança pública</p>	<p>“A insegurança era demais, as pessoas reclamando. O espaço estava refém do tráfico. Isso já vem de um ano, dois, cinco para cá. É que nem aquela música do Roberto Carlos, ‘todos estão mudos, surdos e cegos’”, diz [Adacir Flores].” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Todo mundo precisa que o Viaduto se desenvolva com segurança e harmonia, temos que devolver essa obra para a sociedade como um todo’, defende ele [Adacir Flores].” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p>

Fonte: Compilado pela autora, 2018.

APÊNDICE D. Conteúdo dos Jornais com a perspectiva do Estado

AGENTE: ESTADO		
CATEGORIA DE ANÁLISE	TERMOS ASSOCIADOS	TRECHOS DOS JORNAIS
TRÁFICO, USUÁRIOS DE DROGA E INSEGURANÇA	Usuários/ traficantes/ ladrões/ cracolândia/ tráfico/ consumo e comércio de drogas/ consumo de crack/ assaltos/ marginais/ furtos e roubos/ transtornos mentais/ Atividades criminais	<p>“De acordo com o tenente-coronel Rodrigo Mohr, do 9º Batalhão de Polícia Militar, não havia mais moradores de rua vivendo nas barracas. Apenas usuários e traficantes de drogas estariam usando a cobertura do viaduto, e deixaram o local. ‘Estava se criando uma cracolândia no Centro, então há mais de um mês reforçamos ações de policiamento. Com as abordagens diárias, os traficantes não ficam’, explica. ‘Ali não havia mais moradores de rua, mas ladrões, traficantes e usuários de drogas’, afirmou ele.” (PAULA, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Segundo o comandante do 9º Batalhão de Polícia Militar, tenente-coronel Rodrigo Mohr Picon, há mais de duas semanas são feitas ações contínuas na região. ‘Não podíamos deixar se criar uma cracolândia no centro de Porto Alegre’.” (XAVIER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“De acordo com o comandante, esses materiais, como madeiras e papelão, não seriam para formar abrigo aos moradores de rua, mas sim para o consumo e comercialização de drogas.” (XAVIER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Segundo o comandante Rodrigo Mohr Picon, uma reunião entre moradores e BM marcada para a semana que vem deve discutir alternativas para o problema de segurança na praça, que também estaria convivendo com a atuação do tráfico de drogas.” (VARGAS, 2018b, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Em declarações à imprensa, o Tenente Coronel Rodrigo Mohr Picon, comandante do 9º Batalhão de Polícia Militar, disse que a ação teria sido motivada pelo aumento no número de assaltos a pedestres na região e porque o local estaria se tornando ‘uma cracolândia’.” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Para a Brigada Militar, a ação desta quinta evita de criar ‘uma cracolândia’ no Centro da Capital. ‘Ali não havia mais moradores de rua, mas ladrões, traficantes e usuários de drogas’, disse o oficial [Rodrigo Mohr Picon].” (PORTO ALEGRE TERÁ FOOD..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p>

<p style="text-align: center;">TRÁFICO, USUÁRIOS DE DROGA E INSEGURANÇA</p>	<p style="text-align: center;">Usuários/ traficantes/ ladrões/ cracolândia/ tráfico/ consumo e comércio de drogas/ consumo de crack/ assaltos/ marginais/ furtos e roubos/ transtornos mentais/ Atividades criminais</p>	<p>“- Isso foi uma ação nossa, da Brigada. Se é traficante, usuário, ladrão, não tenho que ter contato com secretaria da prefeitura. Eu pessoalmente acionei o DMLU para fazer a limpeza. Não tinha pessoa nenhuma dormindo. Tinha usuário, traficante e marginal, é isso que tinha embaixo do viaduto. Uns estavam tão chapados que nem sabiam o que estava acontecendo - disse o comandante do 9º BPM, Rodrigo Mohr Picon.” (VARGAS, 2018c, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“De acordo com ele [Rodrigo Mohr Picon], a retirada dos objetos foi um desdobramento de ações que têm sido realizadas desde que assumiu o 9º BPM, há cerca de quatro meses. Foi quando a BM começou a monitorar a região, com policiamento fixo, e manter contato via whatsapp com parte dos comerciantes, que informavam das ocorrências de assaltos e de tráfico de drogas no local - que, segundo o comandante, tornou-se uma cracolândia.” (COMO FOI O..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“- O viaduto era diferente das praças: estava se tornando uma cracolândia no meio do passeio público. O que a gente fez foi uma solução local para aquele fato que estava gerando um aumento da criminalidade no Centro.” (VARGAS, 2018b, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Segundo o comandante do 9º Batalhão de Polícia Militar, tenente-coronel Rodrigo Mohr Picon, há mais de duas semanas vêm sendo feitas ações contínuas na região para evitar que o espaço ‘vire uma cracolândia’ no Centro de Porto Alegre’. A polícia sustenta que ‘ali não havia mais moradores de rua, mas ladrões, traficantes e usuários de drogas.’ (MULLER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>”Constatamos que as barracas estavam vazias. Ficavam encostadas nas paredes e não eram para moradia, eram usadas para o consumo de crack’, explica [Rodrigo Mohr Picon]. A BM pretende manter o policiamento reforçado no local, a fim de coibir tráfico e consumo de drogas, além de furtos e roubos.” (SCARTON, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“É claro que nem todos eram traficantes e assaltantes, mas é fato que os criminosos usavam inclusive os próprios moradores de rua para se proteger, por isso era preciso limpar o local [Maria de Fátima Záchia Paludo, ex-secretária municipal de Desenvolvimento Social].” (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Muitos têm problemas com drogas ou</p>
--	---	--

<p style="text-align: center;">TRÁFICO, USUÁRIOS DE DROGA E INSEGURANÇA</p>	<p style="text-align: center;">Usuários/ traficantes/ ladrões/ cracolândia/ tráfico/ consumo e comércio de drogas/ consumo de crack/ assaltos/ marginais/ furtos e roubos/ transtornos mentais/ Atividades criminais</p>	<p>transtornos mentais, então é preciso avisar antes da remoção equipes da saúde, e não o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), para que não se vincule as pessoas com o lixo", destaca [Maria de Fátima Záchia Paludo, ex-secretária municipal de Desenvolvimento Social]." (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>"Além disso, ele [Rodrigo Mohr Picon], comentou que estava ocorrendo um aumento no número de casos de assalto a pedestres no local. As ações de policiamento deverão ser mantidas, com a presença de viaturas e de brigadianos a pé." (XAVIER, doc. eletr. 2018, Grifo meu)</p> <p>"<i>Acredita que todas aquelas pessoas que se abrigavam no viaduto colocavam a segurança de quem passa pelo local em risco? Não acredito que todas elas tinham envolvimento com atividades criminais, mas a BM julgou, muito provavelmente de maneira acertada, que o número suficiente delas sim [Erno Harzheim].</i> (WEBER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>"Ali não havia mais moradores de rua, mas ladrões, traficantes e usuários de drogas", afirmou ele [Rodrigo Mohr Picon]." (PAULA, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>"Em declarações à imprensa, o Tenente Coronel Rodrigo Mohr Picon, comandante do 9º Batalhão de Polícia Militar, disse que a ação teria sido motivada pelo aumento no número de assaltos a pedestres na região e porque o local estaria se tornando 'uma cracolândia'." (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p>
<p style="text-align: center;">A AÇÃO</p>	<p style="text-align: center;">Ação/ ação policial/ ação de segurança/ ação da Brigada Militar/ operação policial</p>	<p>"O G1 entrou em contato com a prefeitura, que por meio da assessoria de imprensa da Secretaria Municipal da Saúde informou que a ação realizada não teve participação do município, sem abordagem social nem de saúde. De acordo com a assessoria da Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc), o órgão também não teve participação na ação." (PAULA, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>"A Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) informou que não participou da ação, assim como a Secretaria Municipal da Saúde (SMS). A SMS afirma que irá apurar detalhes sobre a situação das pessoas e como deverá agir a partir disso. 'Fomos pegos de surpresa', informou a assessoria da secretaria. A Smurb (Secretaria Municipal de Urbanismo) confirmou que</p>

<p style="text-align: center;">A AÇÃO</p>	<p style="text-align: center;">Ação/ ação policial/ ação de segurança/ ação da Brigada Militar/ operação policial</p>	<p>integrou a ação, a partir da atuação do DMLU (Departamento Municipal de Limpeza Urbana), mas não se posicionou sobre o episódio por não ter sido responsável pela coordenação.” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Não fomos comunicados do plano da Brigada Militar e acho que, por se tratar de uma ação de segurança, nem deveríamos ser avisados, porque não se trata de uma reintegração de posse em que os órgãos municipais de apoio, como a Fasc, a Saúde, o Conselho Tutelar são comunicados e participam da ação”, ponderou Harzeim. ‘Nesse caso, ficamos sabendo quando já tinha acontecido.’ (PORTO ALEGRE TERÁ FOOD..., 2018, doc. eletr. 2018, Grifo meu)</p> <p>“A ação não entra em choque com o que é proposto pelo Plano de Superação da Situação de Rua (voltado à reinserção social de pessoas que atualmente vivem nas ruas da Capital)? Foi uma ação de segurança, e as ações de segurança não entram em conflito com as ações sociais [Erno Harzheim].” (WEBER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“A prefeitura anunciou um evento de food trucks para este final de semana. Existe alguma ligação com a retirada dessas pessoas? Não sei. Acho que não. Como eu disse, foi uma ação de segurança da BM, cercada de sigilo, sendo que o único órgão da prefeitura acionado foi o DMLU para cumprir com suas atividades próprias [Erno Harzheim].” (WEBER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“O secretário da Saúde e coordenador do Plano Municipal de Superação da Situação de Rua, Erno Harzheim, enfatizou que o governo municipal não foi informado da operação policial. A Prefeitura informou, por meio de sua assessoria, que o evento com os food trucks no local já eram uma proposta planejada anteriormente.” (PORTO ALEGRE TERÁ FOOD..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“O senhor [Erno Harzheim] sabia previamente que os moradores de rua seriam retirados? Não, porque a ação estava cercada do sigilo da ação de segurança. E eu não vejo nenhum problema em não ter sido avisado.” (WEBER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“A prefeitura, ainda na quinta-feira, garantiu que não foi informada sobre uma ação da Brigada Militar envolvendo a retirada dos moradores de rua que vivem no viaduto da Borges. Conforme o secretário da Saúde e coordenador do Plano Municipal de Superação da Situação de Rua, Erno Harzheim, a ação teve caráter policial,</p>
--	--	---

<p>A AÇÃO</p>	<p>Ação/ ação policial/ ação de segurança/ ação da Brigada Militar/ operação policial</p>	<p>sem relação com medidas sociais realizadas pela administração municipal. ‘Nesse caso, ficamos sabendo quando já tinha acontecido’, sustenta Harzheim.” (MULLER ,2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Por telefone a GaúchaZH, ele [Erno Harzheim] ressaltou que se tratou de uma ação de segurança da polícia, que tem autonomia para isso.” (WEBER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p>
<p>OCUPAÇÃO DO VIADUTO</p>	<p>Food trucks/ ocupação do local/ ocupação de espaços públicos/ área de convivência/ empreendedorismo produtivo</p>	<p>“No fim da tarde desta sexta (3), a prefeitura anunciou que o Viaduto Otávio Rocha vai receber um evento com food trucks no sábado (4) e no domingo (5). O objetivo, conforme o município, é criar uma área de convivência para os porto-alegrenses, incentivando a gastronomia itinerante, o empreendedorismo produtivo da cidade e também a ocupação do local.” (PAULA, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“A ação, realizada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, tem como objetivo ‘criar uma área de convivência para os porto-alegrenses, incentivando a gastronomia itinerante, o empreendedorismo produtivo da cidade e também a ocupação do local.’” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“A Prefeitura informou, por meio de sua assessoria, que o evento com os food trucks no local já eram uma proposta planejada anteriormente. Conforme a administração, o projeto já estava gestado ‘há muito tempo’. Ainda assim, o governo avalia como positivo ter a oportunidade de colocar em prática o evento. O objetivo, segundo o município, é criar uma área de convivência e ainda estimular o empreendedorismo.’ (PORTO ALEGRE TERÁ FOOD..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“A ação da Prefeitura de Porto Alegre tem como objetivo criar áreas de convivência para os moradores, incentivando a ocupação dos espaços públicos. ‘Estamos fortalecendo a relação dos porto-alegrenses com os espaços públicos da cidade. Esta é mais uma iniciativa de revitalização destes locais com o intuito de mostrar a cidade sob novos ângulos’, destacou o prefeito Nelson Marchezan Júnior.” (VIADUTO OTÁVIO., 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“A ideia é que o espaço seja ocupado por food trucks todos os dias, durante o maior período de tempo possível. Agora, serão feitas discussões com os comerciantes e vistorias no local para avaliar as condições de pintura, iluminação e</p>

<p>OCUPAÇÃO DO VIADUTO</p>	<p>Food trucks/ ocupação do local/ ocupação de espaços públicos/ área de convivência/ empreendedorismo produtivo</p>	<p>limpeza urbana.” (COMO FOI O..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Em paralelo, busca-se a ocupação do lugar, para que este não seja tomado novamente pela população de rua. A ex-secretária sugere que as lojas do viaduto abriguem comércio na área de gastronomia e de serviços gerais, como chaveiro e sapateiro [...]”. (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“- Queremos revitalizar o viaduto e também os banheiros e depósitos, que estão em estado deplorável. A ideia a alcançar é ter sete dias por semana, com produtos diferentes, outras opções musicais, teatrais. Ir testando com os comércios e ver se conseguimos aproveitar o fundo que temos reservado para a cultura, que está parado há um tempo — diz Marchezan (COMO FOI O..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)”</p>
<p>POLÍTICAS PÚBLICAS</p>	<p>Plano Municipal de Superação da Situação de Rua/ Moradia Primeiro/ políticas públicas/ soluções para moradores de rua/ projeto</p>	<p>“Com foco na integração dos serviços de assistência social e saúde, capacitação profissional e acesso à moradia, e prefeitura de Porto Alegre apresentou, na manhã desta quinta-feira (3), o Plano Municipal de Superação da Situação de Rua. [...] O projeto começará a ser implantado ainda neste mês, com o início do encaminhamento de cerca de 70 pessoas já selecionadas para moradias subsidiadas pela prefeitura. Elas receberão acompanhamento quinzenal e terão metas a cumprir, como a capacitação profissional (e posterior ingresso no mercado de trabalho) ou a frequência em tratamentos de saúde (no caso de dependentes químicos). [...] As residências do programa, chamado de Moradia Primeiro, serão custeadas pela prefeitura de forma temporária até que os beneficiados tenham autonomia para pagar o próprio aluguel.” (VARGAS, 2018c. doc. eletr).</p> <p>“Segundo a Secretaria de Saúde, abordagens conjuntas já estão sendo realizadas por equipes que incluem assistente social, educador social, psicólogo, médico, enfermeiro e técnico em enfermagem. Desde que o plano [Plano Municipal de Superação da Situação de Rua] foi lançado até agora, ações ocorreram nas praças no Centro e nas proximidades do Hospital de Pronto Socorro. O objetivo das abordagens, segundo a pasta, é estabelecer vínculo para promover a inserção das pessoas nas políticas públicas de moradia e saúde, ou promover o retorno às suas cidades de origem — duas pessoas já retornaram para casa com as passagens disponibilizadas pela prefeitura.” (VARGAS, 2018a, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“As novas ações, no entanto, devem ser diferentes</p>

<p>POLÍTICAS PÚBLICAS</p>	<p>Plano Municipal de Superação da Situação de Rua/ Moradia Primeiro/ políticas públicas/ soluções para moradores de rua/ projeto</p>	<p>daquela que foi realizada no viaduto, onde a Brigada Militar atuou sem o conhecimento da prefeitura, e sem que os moradores de rua e usuários de drogas recebessem qualquer encaminhamento. - O viaduto era diferente das praças: estava se tornando uma cracolândia no meio do passeio público. O que a gente fez foi uma solução local para aquele fato que estava gerando um aumento da criminalidade no Centro. Na Daltro Filho, vamos tentar reunir esforços para achar soluções para os moradores de rua e para os usuários que possam ser feitas pelos órgão que trabalham com isso — disse o comandante do 9º BPM.” (VARGAS, 2018b, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“O prefeito Nelson Marchezan diz que a revitalização do viaduto já estava nos planos da administração, junto aos projetos de reestruturação do Cais do Porto e da Orla do Guaíba. Embora afirme que não foi informado sobre as ações de policiamento, aprovou as medidas tomadas: - As ações têm todo o nosso apoio. O DMLU não sabia exatamente o que era, mas cumpriu seu papel. A Brigada é nossa parceira. Não vamos ficar procurando pequenos erros, se é que existem. Vamos manter as nossas forças. Nosso programa de atendimento a moradores de rua conseguiu verba federal agora, e devemos oferecer um roll de alternativas. São várias engrenagens que estão se montando.” (COMO FOI O..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“A ex-secretária municipal de Desenvolvimento Social, Maria de Fátima Záchia Paludo pediu exoneração em outubro do ano passado - ficou dez meses no cargo -, após apresentar um plano para lidar com a grande quantidade de pessoas morando embaixo do viaduto Otávio Rocha. O projeto, porém, foi rejeitado pelo prefeito Nelson Marchezan Júnior. [...] Na época, Maria de Fátima propôs a retirada gradual da população de rua do local e a ocupação do espaço por eventos com food trucks e feiras diversas. Depois de negar o plano da então secretária, a prefeitura tem realizado a ocupação do viaduto exatamente da maneira sugerida por ela. Maria de Fátima vê a desocupação da área como necessária, para que o espaço público seja aproveitado por todos pacificamente. Entretanto, não concorda com a forma como o despejo foi feito. (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“[...] Moradia Primeiro. A prioridade é para mulheres dependentes químicas e, depois, para homens na mesma situação. A perspectiva é que 153 vagas de habitação sejam abertas em 2018, 597 em 2019, e 1.174 em 2020. Projeto é semelhante ao proposto por secretária</p>
----------------------------------	--	---

<p>POLÍTICAS PÚBLICAS</p>	<p>Plano Municipal de Superação da Situação de Rua/ Moradia Primeiro/ políticas públicas/ soluções para moradores de rua/ projeto</p>	<p>exonerada.” (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu]</p> <p>“[...] a prioridade está sendo dada a dependentes químicos. A Secretaria Municipal de Saúde identificou cinco moradores do viaduto Otávio Rocha cadastrados no sistema - um casal e outras três pessoas jornal.” (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Plano Municipal - A ação piloto neste final de semana no Viaduto Otávio Rocha, no Centro Histórico, faz parte do Plano Municipal de Superação da Situação de Rua, que tem como objetivo criar áreas de convivência para os porto-alegrenses, incentivando a gastronomia itinerante e o empreendedorismo produtivo da cidade por meio da ocupação dos espaços públicos. A determinação do prefeito Nelson Marchezan Júnior é realizar iniciativas que fortaleçam a relação dos porto-alegrenses com os espaços públicos da cidade. ‘Esta é mais uma iniciativa de revitalização destes locais com o intuito de mostrar a cidade sob novos ângulos’, destacou o prefeito.” (BRASIL, 2018, doc. eletr.)</p>
----------------------------------	--	---

Fonte: Compilado pela autora, 2018.

APÊNDICE E. Conteúdos dos Jornais com a perspectiva de pessoas em situação de rua

AGENTE: PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA		
CATEGORIA DE ANÁLISE	TERMOS ASSOCIADOS	TRECHOS DOS JORNAIS
TRÁFICO E USO DE DROGAS	Trafico/ drogas/ crack/maconha Assaltantes/ boca de fumo/ entorpecentes	<p>“Apesar de reconhecer que há presença de assaltantes e do tráfico no local, Emerson diz que há ‘muita gente do bem’ que está pagando por isso. ‘Gente que trabalha, desenha, recicla, que precisa daquele local para descansar, para pegar uma comida, uma coberta, uma roupa, porque sempre vem gente ali à noite para distribuir essas coisas. Tem gente boa no meio também. As pessoas precisam do local e estão pagando pelos outros’, explica.” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“ - Eu admito que uso crack e maconha, sim, porque eu me envolvi com pessoas de má índole anos atrás. Não dá pra mudar o passado. Mas eu sou ser humano, trabalho para poder comer e ter minhas coisas, e eles vem do nada e levam até o meu colchão.” (COMO FOI O..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Divina, de 48 anos, está há um ano morando nas ruas de Porto Alegre. Recentemente, conseguiu uma barraca de acampamento que protege ela e Dolly, sua cadela, do frio e da chuva. A dupla habita um canteiro da Praça da Matriz. Dos ex-moradores do viaduto Otávio Rocha, não tem notícias. ‘Ninguém veio para cá. Mas ali não era morador de rua, era só traficante que tem casa’, ressalta. Ela própria nunca passou por problemas em relação a abordagens da polícia, o que, na sua opinião, demonstra que as ações são, de fato, direcionadas a quem comete delitos. (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Juarez Paim, de 57 anos, discorda de Divina e assegura que havia de 20 a 30 pessoas em situação de rua morando no local que não eram traficantes ou usuárias de drogas. ‘Não vi nada no dia da remoção, mas tinha gente morando lá, sim’, garante. Paim, que descansava na praça Padre Gregório de Nadal, costuma dormir na rua Demétrio Ribeiro, junto a outros moradores de rua. Ele está nessa condição há mais de um ano. Sentada em cima de papelões na rua Demétrio Ribeiro, enquanto seu companheiro dormia e o cachorro do casal brincava.” (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Taiara dos Santos, de 22 anos, também acha que grande parte dos ex-moradores do viaduto não tinha conexão com entorpecentes. Por outro lado, sabe que o uso de drogas era recorrente no local. ‘De certa forma, é bom que limpem ali, para que a segurança aumente’, observa. A jovem não sabe para</p>

<p>TRÁFICO E USO DE DROGAS</p>	<p>Trafico/ drogas/ crack/maconha Assaltantes/ boca de fumo/ entorpecentes</p>	<p>onde foram aqueles que ficavam no Otávio Rocha, mas acredita que estejam espalhados pelo Centro.” (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Alojada em uma praça localizada na rua Coronel Genuíno, em frente à Cinemateca Capitólio, Juliana Roberta Machado dos Santos, de 36 anos, afirma que embaixo do viaduto funcionava uma boca de fumo, e por isso a Brigada Militar agiu sem avisar a prefeitura. ‘Aqui, não chegaram com agressões, nem nada, porque todo mundo nos conhece e sabe que somos tranquilos. Eu mesma não uso drogas’, salienta. (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p>
<p>OBJETOS PESSOAIS</p>	<p>Pertences/ pertences básicos</p>	<p>“[...] ‘Só pediram para cada um sair do seu barraco e seguir seu rumo, não pegar nenhum pertence. Não deixaram levar nenhum pertence. Não deixaram chegar nem perto do caminhão, ficaram os caras das Forças Especiais em volta’, conta ele.” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Muitas pessoas que estavam no local perderam documentos, fotos que guardavam de família, por não ter sido dado tempo de recolher os pertences básicos [Emerson Pavão].” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Não deram tempo pra gente levar nossas coisas. Pegaram até as muletas de um senhor que morava com a gente. Estamos só com a roupa do corpo — relata William Renan dos Santos, 27 anos, que morou embaixo do viaduto por seis anos. (COMO FOI O..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Há seis anos a região do Viaduto é onde William trabalha e mora. Ele diz que quando viu o que estava acontecendo correu para buscar sua mochila, na barraca onde costumava dormir, mas foi impedido pela polícia. ‘Falaram para eu ficar quieto na minha, cuidando dos carros’, relata. ‘Todo mundo foi corrido, cada um para seu canto, cada um por si.’ (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p>
<p>POLÍTICAS PÚBLICAS</p>	<p>Aluguel social/ Projeto</p>	<p>“Outros sem-teto conversavam sentados nas escadas do viaduto, discutindo quais serão os próximos abrigos. Ao lado de uma garrafa plástica e uma mochila nas costas com algumas mudas de roupa, Maurício Dias Maciel, 37 anos [...] — Eu admito que uso crack e maconha, sim, porque eu me envolvi com pessoas de má índole anos atrás. Não dá pra mudar o passado. Mas eu sou ser humano, trabalho para poder comer e ter minhas coisas, e eles vem do nada e levam até o meu colchão. Não temos direito a aluguel social ou alguma ajuda assim? — questiona Maurício, que morava ali desde os 22.” (COMO FOI O..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Emerson vive em situação de rua há 13 anos e integra o Movimento Nacional das Pessoas em</p>

POLÍTICAS PÚBLICAS	Aluguel social/ projeto	Situação de Rua no Rio Grande do Sul.[...]. ‘Se tem esse projeto do [Nelson] Marchezan [Júnior, PSDB], da Prefeitura, da Secretaria de Saúde, eles tinham que arranjar uma solução. [O prefeito] está falando bonito, mas o projeto só ficou no papel’, questiona Pavão.” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)
PARA ONDE FORAM	Espalhados por outros pontos da cidade/ espalhados pelo centro	<p>“Ele [Emerson Pavão] conta que as pessoas que vivem no Viaduto estão agora espalhadas por outros pontos da cidade. Enquanto uma parte estaria debaixo da estrutura do aeromóvel, próximo à Câmara de Vereadores, outros estariam na Praça da Matriz, no Parque Marinha e na região do Parque Farroupilha, a Redenção.” (SANTOS; FLECK; CANOFRE, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“A jovem [Tainara Santos] não sabe para onde foram aqueles que ficavam no Otávio Rocha, mas acredita que estejam espalhados pelo Centro.” (SANDER, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p>
A AÇÃO	Ação	<p>“Deyvid Soares, representante do Movimento Nacional de População de Rua (MNPR), diz que a ação não foi divulgada e que o movimento está apurando junto aos órgãos responsáveis para saber o que aconteceu. ‘Durante a tarde faremos uma ronda na cidade para conversar com as pessoas também.’” (PAULA, 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p> <p>“Ao lado de uma garrafa plástica e uma mochila nas costas com algumas mudas de roupa, Maurício Dias Maciel, 37 anos, reconhece que a avenida amedrontava quem transitava no local. Entretanto, ele critica a ‘brutalidade’ da ação da Brigada Militar e do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU).” (COMO FOI O..., 2018, doc. eletr. Grifo meu)</p>

Fonte: Compilado pela autora, 2018.